

2014

PIPOCAS PEDAGÓGICAS II

Narrativas Outras da Escola

Organizado por:

Cristina Maria Campos

Guilherme do Val Toledo Prado



2014

PIPOCAS PEDAGÓGICAS II

Narrativas Outras da Escola

Organizado por:

Cristina Maria Campos

Guilherme do Val Toledo Prado



Copyright © dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

Cristina Maria Campos; Guilherme do Val Toledo Prado [Orgs.]

Pipocas pedagógicas II: narrativas outras da escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. 94p.

ISBN: 978-85-7993-203-8

1. Pipocas pedagógicas. 2. trabalho docente. 3. Linguagem e ensino.
4. Autores. I. Título.

CDD – 370

Capa: Marcos Antonio Bessa-Oliveira

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Nair F. Gurgel do Amaral (UNIR/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Rogério Drago (UFES/Brasil).



Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 - São Carlos – SP
2014

Sumário

A aposta que deu certo	7
<i>Corinta Maria Grisolia Geraldi</i>	
GEPEC – Grupo de terça	11
<i>Cristina Maria Campos & Guilherme do Val Toledo Prado</i>	
Confissão e prazeres de uma psicóloga-pesquisadora em uma escola pública	17
<i>Ana Maria Falcão de Aragão</i>	
PIPOCAS PEDAFGÓGICAS	
<i>Adriana Batista de Souza Koide</i>	19
A Preguiça sem preguiça	
<i>Adriana Stella Pierini</i>	21
Alguma Pergunta?	
<i>Beatriz Cristina Machado de Souza Patt</i>	24
Todos somos especiais	
<i>Carmem Silvoia Nunes de Azevedo Pessoa</i>	26
Dona Lalinha	
<i>Cristina Maria Campos</i>	28
A Amoeba	
<i>Dejanira Fontebasso Marquesim</i>	30
Aula ou não aula?	
<i>Giovana Camargo</i>	33
Camaleão	
<i>Grace Caroline C. Buldrin Chautz</i>	35
A primeira pipoca a gente nunca mais esquece	
<i>Guilherme do Val Toledo Prado</i>	38
Mudar o espaço ou o espaço nos mudar?	
<i>Hélica Silva Carmo Gomes</i>	41
Aula de Francês?	
<i>Heloísa Helena Dias Martins Proença</i>	44
É ou não é? Tudo é uma questão do lugar de onde se olha	

<i>José Antonio de Oliveira</i>	47
O agreste da metrópole	
<i>Juliana Terra</i>	51
Todos somos cientistas	
<i>Liana Arrais Serodio</i>	53
Será que era só começar	
<i>Lucianna Magri Melo Munhoz</i>	56
Possibilidades para o ato de ler	
<i>Marcemino Bernardo Pereira</i>	58
Dúvida Universal	
<i>Márcia Cristina Benassi Fernandes</i>	60
O dragão, a borboleta e o coração de papel	
<i>Maria Ângela de Melo Pinheiro</i>	63
Novas experiências e a importância de ouvir o outro	
<i>Maria Fernanda Pereira Buciano</i>	65
A lagartixa.	
<i>Maria José de Oliveira Nascimento</i>	67
Coluna grega, arco romano, arroz doce aninhamo	
<i>Michelle Guidi Gargantini Presta</i>	70
Histórias ao Vento	
<i>Patrícia Yumi Fujisawa</i>	73
De coisas do céu	
<i>Patrick Pereira</i>	74
O estouro da pergunta	
<i>Renata B. Siqueira Frauendorf</i>	76
O que pensam as crianças...	
<i>Rosaura Angélica Soligo</i>	78
Desafio-e-esperança	
<i>Ruy Braz</i>	80
A cobrinha que fez xixi	
<i>Vanessa França Simas</i>	82
Sobre jeitos de ler o mundo	
<i>Wilson Queiroz</i>	84
Homenagem de um Paraninfo	
O cronista e o compromisso de registro	90
<i>João Wanderley Geraldi</i>	

A aposta que deu certo

Corinta Maria Grisolia Geraldi*

"Pipocas 2" é mais que crônicas escritas por professoras[†] a respeito de seu trabalho, enfocado basicamente nas suas experiências concretas com estudantes nas escolas.

É também mais que uma leitura lúdica, e às vezes bem humorada, do que acontece nas aulas/escolas.

É mais do que a produção das autoras presentes neste volume.

É mais que a continuação do "Pipocas 1", editado também pela Pedro & João, graças à parceria dialógica e bakhtiniana com o GEPE (Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso) e, mais especificamente, com o Miotello.

É ainda, mais que uma produção do Grupo de Terça, do GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada. E muito, muito mais que um relatório de pesquisa.

É tudo isso, mais é mais.

Trata-se da efetivação de uma hipótese historicamente e coletivamente produzida, que desloca/mexe o cânone da divisão do trabalho pedagógico na escola entre os que

* Professora Aposentada da FE/UNICAMP, participante do GEPEC. corintageraldi@gmail.com

† Utilizarei aqui a flexão do gênero para o feminino, pela ampla maioria de mulheres que são professoras, especialmente na educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. Como Paulo Freire, em inúmeras palestras, uso a que seria sintaxe da maioria e não a flexão machista!

pensam e os que fazem; os que elaboram e os que executam (cujo exemplo mais clássico é o livro didático, mas que hoje se sofisticou e tem se transformado no que esta sendo denominado de 'sistemas de ensino', e que eu chamaria de ensino apostilado).

Esse livro vai na contramão do ensino apostilado e da concepção do professor como executor da partitura feita por outrem, porque as autoras são professoras que pensam, planejam, estudam, fazem, registram e partilham com um grupo disposto a ouvi-las, trocar idéias e refletir sobre os episódios relatados e, nesse dialogo presencial ou em rede, (re)ver sua prática pedagógica, bem como apreender lições partilhadas pelos colegas ou construídas no dialogo com o Grupo.

As 'pipocas pedagógicas' são o resultado de anos de estudos do GEPEC (e de outros, mundo afora, como mostramos em Cartografias do Trabalho Docente* ; e como viabilizar a produção da professora que trabalha na escola e que quer pesquisar sua prática (ou não) mas que quer dar a ver os acontecimentos com que se depara no cotidiano e, se possível, dialogar sobre eles. Essas pequenas histórias desvelam um mundo estranho aos que se acostumaram com a homogeneidade dos manuais e também de teorias que expropriam os que estão na esfera do fazer, da capacidade de pensar. São as 'mônadas' Benjamin(ianas) dos saberes da escola e da aula, como me

* FIORENTINI, GERALDI e PEREIRA. (Orgs). Cartografias do Trabalho Docente. Campinas (SP), Mercado de Letras, 1988.

atrevo a afirmar, baseada na reflexão da Profa. Maria Carolina Boverio*

Desde a sua criação, em 1996, o GEPEC tem se dedicado a estudar as possibilidades do trabalho docente na escola. Aposta inicialmente na ideia de que os processos de constituição de cada escola, currículo, aula, mesmo imersos num movimento histórico de amplo alcance, tem sempre uma versão local e particular, como nos ensinaram Ezpeleta&Rockwell.

A idéia do ensino como produção de conhecimentos e saberes, associada a proposta de escritura (porque escrever é fazer história[†] (4) do que acontece na aula, a compreensão da aula como acontecimento, a crença no professor como um profissional que reflete, um trabalhador intelectual, a busca da possibilidade de deslocar a contradição entre teoria e prática, foram passos que o GEPEC produziu na busca de possibilidades outras de expressão dos saberes do trabalho, no diálogo com as crianças e elaboradas com a caligrafia das professoras.

O que será partilhado neste livro são episódios ocorridos pela a autora de cada 'Pipoca' no cotidiano da escola, aula ou espaço de formação docente, locus de viabilização do processo de ensino que, pelo registro e olhar da professora, se constituem em saberes.

Podemos fazer a hipótese de uma compreensão outra dessas histórias contadas em forma de crônicas 'da hora'

* Prefácio, escrito por Maria Carolina Boverio no livro: CAMPOS e PRADO (Orgs). Pipocas Pedagógicas. São Carlos (SP): Editora Pedro & João, 2013.

† PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. Porque escrever é fazer história – Revelações, Subversões, Superações. 2ª. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007

(Gloria) do cotidiano escolar: as "pipocas pedagógicas" podem ser lidas como um gênero próprio de expressar os saberes docentes do trabalho.

GEPEC – Grupo de terça

A nossa escola se chama "Grupo de Terça do GEPEC". Frequentamos ela, todas as terças-feiras, de 15 em 15 dias. Não é igual a uma escola, que tem aula todo dia, mas é uma boa escola! Nela se reúnem pessoas muito legais e queridas, profissionais que trabalham de algum jeito com educação, que gostam do que fazem e têm muita coisa em comum, principalmente, o respeito pelas crianças, jovens e adultos que frequentam o cotidiano escolar.

Nesse grupo tem muita gente diferente, bacana e interessante. Elas estão fazendo parte deste livro que organizamos e estamos mostrando para vocês.

Não todos, mas alguns, vamos apresentar, para vocês conhecerem o que eles fazem e como são...

Tem a Fofa, ela é linda, tem um sorriso maravilhoso e aconchegante igual à personagem "cama" da Casa Sonolenta. Adora abraçar a gente e quando abraça passa uma energia ótima. Ela tem um monte de também, dá aulas para crianças pequenas, um monte de alunos, classe cheia, numa escola da Prefeitura.

Outra pessoa desse grupo é a Hair, ela bem que podia ser de outro planeta. Sabem por que ela tem esse nome? Ela tem dois cabelos, o dela, que nasceu na cabeça e outro que ela trançou junto, um é igual de índio e outro é afro, chamado *dread*. Ela é musicista, coisa chique de falar e escrever, também é professora e toca mil instrumentos.

Esse grupo funciona por causa da Miss Simpatia, ela que fez e nossa inscrição numa coisa chata de entender chamada *grupos*. Ela é uma graça, também é professora, e

quando a conhecemos, ela era OP. No nosso grupo a gente AMA as pessoas simpáticas, igual as das nossas classes.

Ah, tem a Sorrisos! Quando ela entrou começamos a faltar um pouco, mas às vezes a gente se encontra. Ela trabalha em outra cidade, se é perto ou longe não dá pra saber. Só sei que ela é coordenadora numa entidade e trabalha com crianças, e adolescentes igual o Peter Pan.

Nussa, nussa, esse grupo tem uma pessoa que vocês iam amar, ela é Dir!! Só que não é igual a Dir.Disney, saída dos Contos de Fadas. Ela é sorridente, alegre, dinâmica e legal, nem parece a que a gente a vê todos os dias. Ela é professora, da prefeitura, e a escola dela tem um monte, mas monte mesmo de alunos.

Tem a Sussa, ela ta aposentada e vive “di boa”, viaja, passeia, recebe amigos em casa, planta mudinhas em casquinhas de ovos. Ela dava aulas pra mocinhos e mocinhas de ciências. Mas tá sempre na escola, estudando, participando, perguntando, escrevendo e lendo, as pipocas dela e a dos outros.

Uma coisa que tem em nossa escola e que nos esquecemos de contar, é que têm alunos e alunas só de “alma”. São alunas e alunos que não vão nunca, mas sabem tudo que se passa, conversam, escrevem pipocas, lêem pipocas, mas só virtualmente, via internet e email... E têm muitos participantes! Inclusive uns que estão participando desse nosso livro.

Tem a Já Vou Indo, ela viaja muito e sempre que a gente encontra com o corpo dela, é porque tivemos sorte dela já ter voltado ou estar se preparando pra ir. Ela é professora e faz mil coisas ligadas a escola. Ela adora pipocas pedagógicas!

A outra que só aparece de “alma” é a Anarah, também é professora, só de gente grande. Ela comenta todas as pipocas e dá um montão de ideia pra gente. Ela já é doutora, mas não trabalha em hospital, nem tem um “ouvidor de coração”, ela só cuida da pedagogia.

Tem a nossa Prô mesmo, mas ela também vai só de alma nesse grupo, ela é a Flores, as pipocas delas sempre falam em flores que ela adora postar pra gente nos micros da Terra. Ela tem um também igual a Anarah, é doutora da pedagogia.

Mais uma que vai de alma, é a Clave de Sol, ela tem também igual a Hair e a Sorrisos, também é musicista e também trabalha com Peters.

Ainda tem a Miga di Mim. Ela tem uns também igual a algumas outras prôs. É prô de história, mestra, batalha na educação popular e adora bolsa verde. Mas a coisa mais legal que ela tem é uma bota verde. E todo mundo sabe que em Sedna bota é tudo, não é?!

Tem uma que não é do grupo, mas é nossa irmã da terra e lê todas as pipocas que escrevemos, é a Mana Branca de Neve. Ela é promotor, não igual da novela, mas faz trabalho legal com monte de crianças e famílias.

Ah, não podemos esquecer as peças raras do grupo, lá tem alguns garotos!

Um deles é o Matemático do Cordel. Ele tem um também igual Sorriso, a Sussa e a Clave de sol, dá aula pra mocinhos e mocinhas já. Ele adora matemática, mas gosta de fazer cordel!

Tem o Natureza, ele tem um também igual a Sussa. É professor de ciências e tem também igual a Sorriso e a Clave de Sol, porque trabalha com mocinhos e mocinhas. Adora a natureza. Ele conhece várias árvores!

Tem o Contador de História que tem também igual a Miga di Mim. É professor de História. E também igual aos outros trabalha com mocinhos e mocinhas. Ele e a Hair foram os malucos que inventaram o nome para os nossos pequenos escritos de acontecimentos, as pipocas pedagógicas e a Já Vou Indo bateu o martelo. Ele tem o poder de transformar piruás em pipocas!

Na realidade a nossa escola é muito grande. Tem um entra e sai constante! Tem gente que vai e volta, tem gente que entra e sai. Depois das férias entram pessoas novas, ficam pessoas dos encontros anteriores e, como dissemos, aparecem pessoas que já tinham participado muito tempo antes.

E foi nessa reunião de pessoas que as "pipocas pedagógicas" nasceram! Surgiram nesse meio de pessoas, da necessidade de um grupo de professores contarem e trocarem entre eles aqueles acontecimentos corriqueiros e insistentes, que mexiam com o cotidiano das tão planejadas aulas e, de algum modo, mexiam com as certezas nossas e nos colocavam para pensar sobre o que fazíamos... Fatos que não encontravam eco nas reuniões pedagógicas das escolas e menos ainda nas reuniões corriqueiras dos intervalos, onde se comentava de tudo menos dessas pequenas coisas.

Então os momentos que antecederiam as reuniões do Grupo de Terça, os encontros nos ônibus, na cantina e em outros espaços, eram para esse grupo de professores o local de contar e recontar suas aulas e contar e marcar os fatos sem importância que haviam chamado a atenção deles.

Eram muitos fatos e pouco tempo para que esse grupo contasse sobre o aluno que pulou muro da escola para ir

ao banheiro de casa, alunos que queriam jogar bolinha de gude na aula de português, alunos que acreditavam que a televisão era o único lugar do mundo, adolescentes que riam alto na aula afirmando que a vida era boa.

Do jeito que são contados, pareciam mesmo sem importância, mas dentro do Grupo de Terça do GEPEC, esses momentos dos acontecidos eram de fundamental relevância para compartilharem as experiências que cada um dos participantes havia vivido.

Esses momentos, ao serem partilhados, davam-nos a indicação de que as aulas nas escolas em que trabalhávamos poderiam se tornar "acontecimentos", como nos ensinou o João Wanderley Geraldi (que escreveu um texto para colocarmos nesse livro, no final dele).

Contavam e recontavam suas aulas rapidamente, trocavam algumas impressões, e nos encontros do "Grupo de Terça", após outras leituras e muita conversa, começávamos a ter a certeza de que a partilha destes acontecimentos com as pessoas do grupo era de vital importância.

E é isso que desejamos realizar mais uma vez: partilhar e compartilhar nossas pequenas histórias, nossas "pipocas pedagógicas" com vocês, caros leitores.

Boa leitura e, quem sabe, não nos veremos em outra ocasião, com as suas pipocas pedagógicas fazendo parte da nossa coleção de "pipocas".

Forte abraço,

Cristina e Guilherme.

Confissão e prazeres de uma psicóloga-pesquisadora em uma escola pública

Confesso que estive por seis anos em uma escola pública e que busquei (co)construir um espaço de trabalho com os educadores - professores, funcionários e equipe de gestão escolar – em que eles foram os autores de seus discursos para que fosse possível concretizá-los, então, na prática, o que vinha sendo objeto de reflexão.

Ao sair da escola, registrei que tive muito, mas muito trabalho para produzir este projeto formativo-investigativo. Mas, o mais importante de tudo foi o prazer que tive em realizá-lo. Prazer em ir me dando conta de tudo o que o prazer de estar naquela escola provocou em mim. Prazer em ir me transformando ao longo destes seis anos, no cotidiano semanal da escola. Prazer em me perceber “amiga de infância” daqueles educadores com quem partilhava teorias e práticas profissionais e pessoais. Prazer em ter me engajado na luta pela defesa da escola pública de qualidade e termos construído uma com este perfil. Prazer em ter me sentido membro

* Ana Maria Falcão de Aragão: Psicóloga. Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Aveiro (Portugal). Livre-docente em Psicologia Educacional pela UNICAMP. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC) da Faculdade de Educação da UNICAMP, onde também é professora associada do Departamento de Psicologia Educacional.

integrante daquela equipe de educadores que brigava por suas ideias e seus ideais, ora de forma mais suave, ora vigorosamente. Prazer em ver o prazer dos professores ao entrar e sair das reuniões e se perceberem autores de sua docência, planejadores e executores de sua história. Prazer até mesmo em ter ficado ausente de lá desde 2008, pois como disse Drummond:

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.
(Carlos Drummond de Andrade)

A Preguiça sem preguiça

Manhã de sol, passeio agendado, crianças felizes, professoras ansiosas.

Entre um telefonema aqui e outro ali para terminar as autorizações de saída não concluídas, ajeitamo-nos todos e fomos para o Bosque, antes que o “Seu Lobo” da canção antiga nos pegasse.

Cantamos Boneca de lata, Sítio do Seu Lobato, Pipocas na panela e outras tantas cantigas infantis até estarmos próximos do portão de entrada, quando o “Buzina, buzina, buzina!” foi entoado por todas as vozes.

Descemos e começamos a ver os animais. Parecia que a criançada, com idade entre 3 e 6 anos, fazia isso pela primeira vez, tamanha era a euforia.

Estava indo ver se a turma X precisava de algo quando avistei L., uma garotinha de 5 anos, abaixada atrás de uma árvore conversando receosa com um preá, tentando convencê-lo a não comer “caca” do chão, por que isso lhe renderia uma dor de barriga. Ao perceber que eu estava olhando e ouvindo, num salto, ela correu até sua professora, me lançando um olhar de invasão de privacidade.

- Olhem lá pessoal, essa é a preguiça! Vejam que bonitinha! – Falava S., a professora da turma.

* Vice-diretora Efetiva da Secretaria Municipal de Educação Campinas.
Email: adrianabskoide@gmail.com

L. arregalou os dois olhos e indagou:

- Isso aí é que é uma “Preguiça”?

- Isso mesmo, L.! Veja como ela se mexe devagar!-
Respondeu S.

- É. Mas ela não se parece nada comigo... -
Choraminguou L.

Sabendo da conhecida agitação de L., pensei comigo que realmente ela não tinha nem sinal de preguiça consigo. Tem iniciativa, liderança e sabe defender-se muito bem sozinha. S. interrompeu meus pensamentos e falou antes que pudesse me pronunciar.

- Claro que não! Ela é um animalzinho e você é uma menina. Vocês são diferentes, não precisam ser parecidos... - Comentou S. sorrindo.

- É mesmo. Será que você pode falar isso para minha mãe quando ela for me buscar, Tia S.?

- Mas por que, L.?

- Porque toda vez que ela me manda lavar a louça, cuidar do meu irmãozinho ou varrer a casa, ela fala anda bicho PREGUIÇA, anda bicho PREGUIÇA...

Dias depois, encontrei L. saltitando pelo corredor da escola, perseguindo uma borboleta. Pensei que ia novamente me ignorar, como sempre fazia com os adultos quando estava de conversa com formigas e plantas ou algum animal que se aproximasse do alambrado da escola. Mas, naquele dia foi diferente, com o rostinho suado ela me encarou seriamente e falou:

- Tia Dri, sabe por que é que eu não sou um bicho preguiça de jeito nenhum? Por que eu sai foi da barriga da minha mãe!

Alguma Pergunta?

Outubro de 2009. Semana da Criança!

Eu tinha, cá comigo, alguma noção do quanto se festeja, do quanto se brinca e do quanto se come durante este período nas unidades de educação infantil, mas confesso que minha hipótese sobre a intensidade deste evento festivo era muito, mas muuuuito aquém do que, de fato, acontecia...

Pois bem, era dia de lanche coletivo e todas as turmas de crianças de três a seis anos do período da manhã da EMEI estavam reunidas no refeitório, devidamente acomodadas para um ritual extremamente significativo no qual, naquele dia, especificamente, eu teria uma super participação especial.

Eu explico. Tendo que se ausentar da escola para resolver uma pendência, a diretora me recomendou que, antes da liberação para o lanche, eu fizesse todo aquele discurso que iria desde as orientações sobre como proceder a escolha dentre a variedade de salgados, brigadeiros e bolos até o tradicional “prestencãuôôô” sobre desperdício, sobre os cuidados para não derrubar nada ao circular pelo salão e tal...

Bastante satisfeita com minha atuação quase teatralizada, com tantos gestos, caras e bocas à qual me

* Professora no ensino superior. Atuação na formação de profissionais da educação. Mestre em Educação pela UNICAMP. Doutoranda em Educação pela UNICAMP. adstpier@gmail.com

permiti, fui finalizando o meu blá-blá-blá com o tradicional: - *Todos entenderam?*

Em coro, como já era de se esperar, recebi um afinadíssimo e retumbante: *Entendeeeeeeeeeeeeemos!!!*

Estaria tudo muito bem se eu tivesse parado por aí...

Entretanto, buscando garantir a pretensa dialogicidade - até porque sou uma “orientadora pedagógica dialógica”, certo?! - resolvi lançar ao grupo a derradeira questão:

- *Alguém quer fazer alguma pergunta?*

Podem imaginar o que aconteceu? É lógico que podem... Praticamente todos aqueles pequenos, com a mesma afinação e retumbância, responderam em uníssono: - *EEEEu!!!*

Podem imaginar minha situação? É lógico que podem... Rapidamente fui buscar sei lá onde uma estratégia metodológica para aquilo não virar o caos e deliberei que ouviria uma pergunta de cada turma (injusto, não?).

Apontei para um pequenino da primeira turma que, diante do meu consentimento, falou com bastante animação do que a mãe havia mandado para o lanche coletivo. E eu? - *Hum...tá...*

Em seguida, sinalizei para uma criança de outro grupo que disparou a falar sobre todas as recomendações em relação ao desperdício, ao cuidado ao circular pelo espaço e coisas afins, mostrando o quanto havia prestado atenção no meu discurso teatral. E eu? - *Hum... Isso mesmo!.*

Já preocupada com o que viria na sequência uma vez que os indícios eram de que as criaturinhas ali não tinham prestado atenção alguma no meu encaminhamento, insisti:

- *Quem quer fazer a próxima perguntaaaa?*

Mais uma criança se precipitou a falar do quanto é importante a gente se alimentar bem pra ficar forte e crescer e... ai, ai...

Estava eu já entre a cruz-e-a-espada, tendo que decidir se aproveitava aquele momento pra dizer *gente-isso-não-é-uma-pergunta* ou deixar por isso mesmo e dar a largada pra comilança, quando Pedro, brilho nos olhos em forma de menino, do alto da experiência de seus quatro anos de idade, ergueu a mão se pronunciou:

- *Dri! Eu tenho uma pergunta! A minha pergunta é... O que é uma pergunta?*

Pedro decidiu por mim.

E eu? Ah... eu fui me virando como pude para construir diante daquelas belezinhas um dos conceitos mais complexos com os quais me deparei nesta minha vida.

Todos somos especiais

Certa manhã, a agente de organização Ta foi até a sala do 4º ano C, avisando que chegou um aluno novo, mas ele era “especial”.

Nisso os alunos exclamaram:

- Ele tem problema!

Percebendo a confusão, Ta pergunta aos alunos:

- Todos somos especiais, não somos? - E sai da sala.

O fervor continua e pergunto aos alunos:

- O que é um aluno com problema?

- É aquele que tem dificuldades, tipo de fala, tipo que nem o An – responde Ju.

- Mas o An tem dificuldade em falar e se expressar. Então ele tem problema também? - Indago com os alunos que pensam logo e respondem:

- Não, o An não tem problemas, não é esse tipo de problema que a Ta falou.

Eles pensam mais um pouco e não conseguem explicar, então questiono novamente.

- Vocês já conhecem o aluno novo? Já viram? Já conversaram com ele? Pois só podemos afirmar uma coisa quando conhecemos. E conhecemos a pessoa quando convivemos durante um período com ela.

* Professora na Secretaria do Estado de Educação. Pós- graduanda em Educação Especial – Deficiência Intelectual na UNESP

Os alunos se contentaram com a fala e uma amiga afirmou:

- Então vamos conhecer ele e se ele realmente tiver problema, vamos ajudá-lo!

Dona Lalinha

Era uma época em que eu acompanhava o trabalho pedagógico desenvolvido em salas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), na cidade de Hortolândia. Com esse trabalho, passei a conhecer cada aluno e um pouco de suas intrigantes histórias, o que me deixava cada vez mais enternecida por esse público valente, que buscava a realização do sonho de aprender a ler e escrever, depois de muitos anos esquecidos pela escola e à margem do cotidiano da sociedade letrada.

Dona Lalinha foi uma das alunas muito queridas, com as quais eu convivi. Tratava-se de uma senhorinha com seus mais de setenta e cinco anos e que acalentava o desejo de sair das estatísticas do analfabetismo. Ela não costumava faltar às aulas e, por esse motivo, preocupei-me quando isso ocorreu. O que teria acontecido? Uma colega da turma trouxe a resposta “Dona Lalinha não tem vindo porque o marido dela faleceu”. Que notícia triste!

A professora da classe também estava preocupada, apreensiva pela perda que Dona Lalinha sofrera e com a saúde da aluna. Combinamos de fazer-lhe uma visita nessa mesma semana, mas para nossa surpresa, na noite

* Orientadora de Estudos do PNAIC (Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa). Coordenadora Pedagógica no Centro de Formação dos Profissionais de Educação “Paulo Freire” – Hortolândia/SP. Email: carmem130@terra.com.br

posterior ela retornou, esboçando o mesmo sorriso, que sempre distribuía simpaticamente a todos nós.

Fiquei alegre ao vê-la, mas respeitando sua dor, aproximei-me e perguntei apenas:

- A senhora está bem, dona Lalinha?

- Estou sim filha! – respondeu-me e acrescentou – eu perdi o meu João, você já sabe né? Ele foi chamado para viver ao lado do Pai. Só que o meu João deve estar muito orgulhoso de mim! Eu tive que assinar uma papelada dele e, olha, eu não carimbei o dedo não! Eu escrevi meu nome sozinha! O meu João sabia do meu sonho de escrever as letras, entender o que vem escrito. Por isso, voltei para a escola. Eu já estou aprendendo e quero aprender mais, assim eu ficarei feliz e o João, de onde estiver, ficará feliz também!

Ela ajeitou o grampo (que chamava de ramona) em sua cabecinha, repleta de cabelos grisalhos, tocou-me as mãos e agradeceu.

Disse a ela da minha felicidade em tê-la conosco e que sim, ela iria aprender, mas estava nos ensinando muito mais...

Emocionei-me ao sentir a força daquela mulher, procurando entender o contexto de significados que a escola representava para ela.

Quantas “Dona Lalinha” estarão por esse Brasil afora? Quantas pessoas buscam pela oportunidade que lhes foi tirada? Não podemos falhar com nenhuma delas!

Esta é uma das muitas histórias, que se apresentam em uma sala de alfabetização de adultos e que nos fazem repensar a nossa própria história e o nosso papel enquanto profissionais, lembrando-nos do necessário compromisso que precisamos firmar em prol da Educação e da vida!

A Amoeba

Hoje foi um dia de muitas atividades: leitura, números, histórias e brincadeiras. Rimos muito e segredamos mais ainda.

Uma das atividades que mais agitou foi a da escrita, “A primeira tentativa de escrita”. Pedi que fossem até o Varal dos Rótulos, que eles mesmos trazem de casa todos os dias, e escolhessem um para a gente trabalhar.

A maioria viu no meio de tantos rótulos a AMOEBA e gritou que queria trabalhar com ela. Distribui para cada um uma pequena folha, pedi que copiassem o nome do varal e desenhassem a amoeba.

Todos fizeram o desenho, coloriram e começaram a perguntar:

- E agora Cris, Prô, professora! - Cada um já achou sua maneira de me chamar. - Quando percebi que todos haviam terminado me sentei bem tranquila, pedi que se sentassem e falei:

- Bom, agora cada um vai escrever o que gosta de fazer com a amoeba. - Logo veio a primeira pergunta:

- A gente vai pensar e falar para você? - Negando com a cabeça falei:

* Professora Efetiva na Secretaria Municipal de Educação Campinas. Atuando no 1º ano. Licenciada em História pela PUC-Campinas. Mestre e Doutoranda em Educação pela FE/UNICAMP. Pesquisadora do GEPEC. Bolsista da CAPES processo BEX: 5636/11-6. E-mail: Cristina.crisshop@gmail.com

- Não. Hoje vocês vão escrever sozinhos, cada um com seu lápis em seu papel, cada um gosta de fazer coisas diferentes com a amoeba. J. falou:

- Mas a gente ainda não sabe escrever certo Prô, e se a gente errar? – Respondi dizendo que não existe escrever certo ou errado, que criança com 6 anos escreve de um jeito, com 7 de outro, que quando eles fossem grandes escreveriam de outro ainda, que cada idade tem um jeito de escrever.

Sorriram, pegaram o lápis com confiança e começaram a escrever sua história com a amoeba. Uns arriscavam umas perguntas, outros eram donos de si.

Conforme iam terminando, levavam para que eu reescrevesse a história no caderno e depois colasse o papel, eles liam, eu abraçava, festejava a primeira escrita de cada um. M. após um grande abraço me falou muito feliz:

- Prô quer dizer que meu esforço ta valendo a pena! – Foi sentar-se todo feliz.

A pequena So chegou com sua história escrita assim: “E O U”, e disse que havia escrito “eu gosto de brincar com a amoeba mexendo”. Quando viu tudo o que eu escrevi, olhou para o que ela havia escrito e falou:

- Eu não escrevi isso, escrevi só um pouquinho! Nossa como gente grande escreve!

H. veio com a folha todinha escrita e me entregou, quando perguntei para ele o que estava escrito, me olhou com uma cara de espanto:

- Ué, mas você é professora e não sabe ler? – Abracei o esperto e respondi: É que não acredito que você faz isso! – Apontando para o que estava escrito no papel.

Com uma risada alta e generosa respondeu:

- Ah você não acredita que eu encho a amoeba até ela fazer uma bolinha e estourar?!

Aula ou não aula?

Em um dos encontros formativos que acontecem as quartas a tarde, em uma unidade, estávamos envolvidos no levantamento dos problemas que estamos enfrentando na implementação da Educação Integral de período integral. Alguns professores apontavam os problemas que se faziam perceber no cotidiano: na organização da hora do almoço, o que fazer com o tempo de aula que sobra depois que todos almoçam, quando o professor almoça, que horas etc. Dentre todos os questionamentos que surgiam e uma crescente agitação no grupo, a professora de Língua Francesa toma a palavra e diz: “Com uma das turmas, por exemplo, tenho 3 aulas semanais sendo que destas 2 estão no horário do almoço. Como vou dar aula?”

Os colegas vieram em seu auxílio dizendo que isso não poderia ter acontecido, chamaram a equipe de organização dos horários para falar da questão. O professor que auxiliou na elaboração dos horários relatou as dificuldades para se cruzar tantas informações na organização dos horários. Fato é que dentre tantos senões que estávamos discutindo naquele momento, o tempo e sua distribuição era um engodo.

* Pedagoga, Mestre em Educação pela UNICAMP e Supervisora Educacional do Sistema Municipal de Campinas. dejaniraf@gmail.com

O que mais incomodava no contexto, e que busquei socializar com o grupo, fomentando as discussões eram perguntas como: quando estamos dando aula e quando não? O que é aula e o que é “não aula”? Somos todos professores, aula é a essência do nosso trabalho e paramos muito pouco para pensar sobre ela no sentido conceitual. Na prática sabemos muito bem quais os momentos que estamos “dando” aula, no entanto, refletir sobre quais momentos não são aula mostrou-se bastante desafiador.

A discussão ficou interessante porque alguns defendiam a importância de sala de aula e tempo na sala para que efetivamente pudessem considerar: “estou dando aula”. Enquanto as discussões aconteciam o que mais me incomodava era o fato de que desde o início nos propusemos a ouvir os alunos e envolve-los nessa nova forma de fazer escola, no entanto, ainda não lhe demos os espaços devidos e não nos preparamos para ouvi-los com ouvidos aguçados. Eles tem nos falado sobre as "aulas dadas" mas de um jeito que temos dificuldade para compreender: uma expressão verbal-corporal da insatisfação, até mesmo de indisciplina!

As mudanças dos espaços e a inclusão de atividades como almoço, lanche, assembleias... nos trouxeram um universo de reflexões permeado de incertezas. Estamos Tateando, errando, construindo e desconstruindo jeitos outros de fazer aula. Estamos buscando olhar para o conhecimento com outra perspectiva. Estamos tentando redesenhar a relação professor-aluno-conhecimento. Nessa dialética somos obrigados a abandonar velhos muros que dividem e sustentam nosso trabalho como professores: a sala de aula quadrada com quatro paredes

e carteiras; horas-aula de cinquenta minutos; minha classe, meu aluno.

Caso não abandonemos essas "velhas premissas" não seremos capazes de continuar! Contudo ainda não conseguimos nos reequilibrar de modo a encontrar saídas para todas as encruzilhadas com as quais nos encontramos...

Com certeza, nosso jeito de compreender e fazer escola delinea-se como outro. E a nossa concepção do que é aula, se transformou?

Podemos, ainda, não saber responder com tanta propriedade o que é aula e o que é não aula, mas sabemos com muita segurança, que somente produziremos uma "nova aula ou não aula", olhando para a Escola e a Educação de um outro ângulo - do ângulo partilhado com o olhar dos estudantes!

Camaleão

Guardo com muito carinho o caderno de registros que fiz durante a disciplina de Estágio Supervisionado – Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em 2011. Na época, eu era auxiliar da professora do 1º ano do Ensino Fundamental na mesma escola em que trabalho atualmente, e pude analisar meu próprio trabalho a partir das anotações que fazia nesse caderno. Hoje, ao relê-lo, faria e, principalmente, olharia de outra maneira os acontecimentos. De qualquer modo, há nele muitas histórias de professor, alguns desabafos e, espero que encontre também algumas pipocas para compartilhar.

Em 08 de outubro de 2011, enquanto algumas crianças faziam uma atividade escrita com a professora, eu estava acompanhando outras em uma atividade de desenho, na qual elas deveriam registrar a visita que fizeram ao zoológico. A professora me orientou que não aceitasse qualquer desenho e fizesse as intervenções necessárias, para que elas realmente fizessem o melhor que elas pudessem. Aproximei-me de G e perguntei quais eram os animais que ele havia desenhado.

- Tamanduá, leão, onça e a girafa.

Percebi que ele havia pintado o tamanduá de verde e resolvi intervir:

* Professora auxiliar do Colégio Antares (Americana – SP). E-mail: giovana_tolesani@yahoo.com.br

- G, você se lembra do tamanduá lá do zoológico? Que cor ele era?

- Mas não é tamanduá! É aquele bicho que muda de cor, como chama mesmo?

- Camaleão – eu respondi.

- É, esse aí!

- Então, agora pinte o resto do seu desenho – eu disse, e me virei para falar com S. Quando olhei novamente para o desenho de G, ele havia feito pintas verdes e azuis na onça.

- G, que cores são as pintas da onça?

Ele não respondeu, ficou bravo e continuou caprichando na variedade de cores. Insisti com ele que tentasse se recordar das cores dos animais, até que ele se cansou e jogou todos seus lápis na mochila. Todos, exceto o marrom, com o qual ele pintou toda a folha.

Hoje, relendo esse episódio, vejo o quanto a falta de conhecimento acerca de como olhar para as produções dos nossos alunos como *produções culturais da criança* e não como reproduções nossas, traz prejuízos à construção do conhecimento, à relação do professor com o aluno e, sobretudo à própria criança.

Por que o tamanduá não pode ser verde e as onças não podem ter pintas azuis?

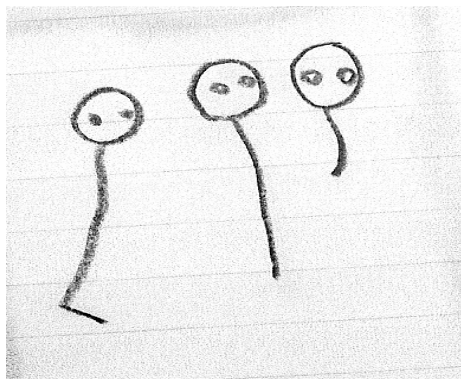
A primeira pipoca a gente nunca mais esquece

Escrevo porque à medida que escrevo vou me entendendo e entendendo o que quero dizer, entendo o que posso fazer. Escrevo porque sinto necessidade de aprofundar as coisas, de vê-las como realmente são... (Clarice Lispector)

Foi lá no comecinho da minha caminhada de professora. Quando eu era professora de uma primeira série composta por 30 alunos, dentre esses alunos, um com necessidades educativas especiais (deficiência mental). Seu nome é Elias, ou melhor, meu maior "desafio". Menino quieto, sem reação alguma. Esse era o Elias que conheci no primeiro dia de aula. Foi quando lhe entreguei uma folha (a proposta era: desenho livre). Rabiscos desordenados preencheram a folha. Elias, menino de 7 anos. Precisava enquanto sua professora, conhecer seu contexto, conhecer seu mundo. Fui a campo, colhi todos os dados sobre o meio em que estava inserido. Muitas descobertas. Mas, em primeiro lugar, despojei-me de todo tipo de preconceito. Com compromisso, consegui conquistá-lo. Fui fazendo intervenções sobre sua identidade, seu corpo, seu espaço, seu nome. Seu "eu". Foi quando lhe entreguei novamente uma folha em

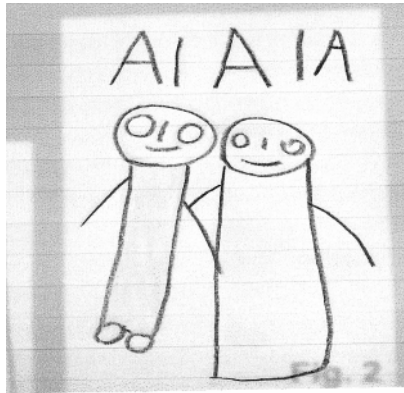
* Professora Efetiva do Estado de São Paulo de 2005 a 2010. Professora da Rede Municipal de Campinas, atualmente na Ed. Infantil. Graduada pela PUC – Campinas. Mestranda GEPEC sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado.

branco (a proposta era: desenho livre). Rabiscos desordenados preencheram novamente a folha. Decepção, derrota, foram esses os sentimentos que me invadiram. Decidi então, diminuir as atividades de intervenção. Era um dia normal, cheguei, fiz a rotina e o Elias levantou da cadeira e caminhou em direção a lousa. Enquanto eu conversava com as crianças, pegou o giz e fez um desenho. Puxou-me pela blusa e afirmou apontando para o rabisco na lousa: - Você! Não dei muita importância, mas quando virei para a lousa, seu desenho era exatamente esse (Abril/2006):



Tamanha fora minha surpresa que vibrei de emoção. Dei-lhe um beijo e o restante da sala, não sei, mas acredito que não tenham entendido nada. Senti-me uma heroína. Seu desenho tinha um traçado pré-esquemático. Continuei as intervenções e o desafio agora era provocar-lhe emoções, situações que necessitassem da fala, do gesto. Então, desde pedir para ir ao banheiro, até reclamar do colega ou brigar, era preciso. Aos poucos, fui me aproveitando dos acontecimentos. Conquistei essa

criança, a confiança dele. Hoje ele fala palavras, formula frases, tem desejos, vontades, se reconhece como sendo um ser humano de relações. Hoje ele canta o hino da igreja, hino este que ecoava somente na sua mente. Hoje ele externaliza. Hoje ele até chora, e às vezes tenho que pedir para ele sentar-se. Hoje seu desenho é assim:



E hoje, sou uma pessoa diferente, uma mãe diferente, uma profissional diferente. Acredito na inclusão. Na inclusão que rega a semente diariamente, na inclusão dos pequenos gestos, na inclusão que causa emoções, que estremece o cotidiano transformando-o em movimento, em descoberta. (Junho, 2006).

Mudar o espaço ou o espaço nos mudar?

Tenho trabalhado com formação de professores numa perspectiva de tomar os rumos da formação a partir do cotidiano de trabalho pedagógico dos próprios professores que convidaram-me para realizar a formação.

É uma perspectiva que toma muito das problemáticas da escola para orientar não só as reflexões necessárias ao aprimoramento do próprio trabalho realizado como também o de orientar-se pelos universos de referência dos próprios professores e alçar vôos outros na partilha dos conhecimentos produzidos na escola e na universidade.

Em uma das formações de que participo, o grupo de professores está tendo uma vivência singular, visto que estão implantando a escola de educação integral na unidade de ensino em que trabalham.

Claro que inúmeras são as reclamações, visto que a rotina é outra e as condições de trabalho, materiais e simbólicos são de ordens muito diferentes... E muito me alegra ver professores e profissionais da escola a viverem estas tensões e conflitos, problematizando o “sempre” igual na rotina escolar.

A rotina de trabalho dos professores então vem sofrendo diferentes revezes, e com isso, as inúmeras

* Professor da Faculdade de Educação da UNICAMP, coordenador do GEPEC- Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada. Email: gvptoledo@yahoo.com.br

vivências que todos estão tendo podem propiciar a emergência de experiências impares...

Como é o caso de um grupo de professores que estava trabalhando “sistema solar” e teve que improvisar uma atividade, igual para todas as turmas a partir dos combinados na parceria docente, mas que foi vivido por cada uma em um espaço singular.

Essa singularidade espacial e conseqüentemente os diferentes modos que tiveram que acordar propiciaram, senão para todos os estudantes, pelo menos para alguns, um protagonismo único e especial: como foi o caso de um aluno autista, que ao se ver sol, girava com vontade, incentivando os colegas a orbitarem à sua volta; ou de outro aluno, indisciplinado em alguns espaços, que se viu livre para orbitar o sol como júpiter, um planeta lento que realiza “uma grande órbita em torno do sol”, como ele mesmo aprendeu e disse...

Essa surpresa, na perspectiva dos professores, foi porque a aula não aconteceu na sala de aula e sim no pátio ou no quiosque da escola.

Mas qual foi a surpresa? A de ver estudantes que nada faziam, a participarem da aula? Ou foi a da aula que não deu certo, porque o espaço outro possibilitava novas configurações, impossibilitando que a aula acontecesse como o professor havia planejado?

No debate, entre as próprias professoras, o pedido de sala, de uma sala de aula quadrada para elas darem aula cedeu lugar à surpreendente constatação de que em espaços diferentes emergem outros conhecimentos e sujeitos que, comumente, não apareceriam na “aula padrão”.

Portanto: mudar o espaço e ter "a" sala de aula ou mudar a aula, aproveitando que os diferentes espaços transformem os simbólicos espaços da aula, sempre as mesmas, que ainda nos habitam?

Aula de francês?

O primeiro ano de implementação do período integral numa escola é marcado por inúmeras mudanças, seja na dinâmica escolar, nos espaços-tempos, na estruturação física ou curricular, a transformação é latente. Nesse processo, onde um turbilhão de pensamentos, significações e ressignificações acontecem a cada dia, alunos e professores estão inseridos num cenário de constante adaptação. Uma, dentre as inúmeras mudanças ocorridas em nossa escola, está a inserção da disciplina de língua francesa no currículo dos anos iniciais do primeiro ciclo do ensino fundamental. Para maioria das crianças, foi o primeiro contato com uma língua estrangeira. Nas primeiras aulas achavam engraçado a professora falar de outro jeito, olhavam atentas, desconfiadas, sempre saía um: “professora fala direito, não tô entendendo nada”. Como professora, insistia que era preciso ouvir um pouco do idioma para “acostumar os ouvidos”. Após dois meses de aula, o francês já não era uma grande novidade. As crianças brincavam nos corredores com um *Bonjour! ça vá?* Ensaivavam outros cumprimentos, cantavam algumas cantigas... A esta altura estava claro para mim que as crianças já haviam assimilado que a língua em questão era românica, oficial na França e demais países

* Professora de Educação Básica na Rede Municipal de Educação de Campinas-SP. Mestre em educação pela Universidade Federal de Goiás.

francófonos, e várias outras informações, que na mente do adulto já estão bem construídas. Porém, para minha reflexão, determinada aula me chamou a atenção...

A manhã estava linda, me sentia serenamente animada. Seria uma aula no quiosque e o terceiro ano A estava fresquinho, pois se tratava da primeira aula do dia, a minha preferida! Após recepcionar as crianças com saudações em francês, pedi para que se acomodassem. Enquanto organizava meu material no balcão, uma criança me perguntou:

- *Professora, você nasceu na França?*
- *Não, sou brasileira.*
- *Então onde é que você aprendeu falar inglês?*

Antes que respondesse, uma outra criança corrige a fala da colega:

- *É claro que ela nasceu no Brasil, e ela não dá aula de inglês, ela dá aula de espanhol!*

Querendo sorrir, mas me contendo, pergunto aos demais:

- *Sou professora de espanhol?*

As crianças respondem em coro:

- *Oui madame!*
- *Nãaaaaao, estamos aprendendo francês!*

A criança que iniciou o diálogo volta a falar:

- *Mas onde mesmo a senhora aprendeu falar francês?*

Outra criança:

- *É lógico que ela faz um curso, não é professora?*

Respondo:

- *Sim, estudei alguns anos para aprender a falar e ainda faço um curso aos sábados.*

A primeira criança do diálogo encerra o assunto:

- *Ainda vou morar na França... (suspira)*

O diálogo me pareceu um tanto engraçado, mas também desconcertante. Saí incomodada daquela aula, tentando entender o acontecido: afinal já estávamos no segundo mês de aula e nem todos entenderam que o idioma estudado era o francês. Recordei as aulas anteriores, as projeções com uso de data show, retratando os países de língua francesa, ilustrações de curiosidades sobre esses países, o uso do globo terrestre iluminado, indicando a localização dos países de língua francesa... enfim, todos esses recursos que chamam atenção da criançada, mas que nem sempre é o suficiente. Talvez naquele momento, tivesse me esquecido que para aquelas crianças era o primeiro contato com uma língua estrangeira. Se a nomeamos de francês, para eles poderia ser espanhol, chinês ou inglês, qualquer coisa que a diferencie de sua língua materna. São muitos anos na educação, mas sempre tem um dia que pareço me esquecer daquela grande premissa: o aprender é um processo de construção da criança e que no final das contas, feitas as devidas mediações, é uma construção realizada por elas, no modo e no tempo delas.

É ou não é?

Tudo é uma questão do lugar de onde se olha

Naquele dia de março eu cheguei na escola convicta de que não poderia deixar de realizar a atividade programada com os alunos do primeiro ano. Vida de coordenadora na escola não é tranquila. A cada dia uma novidade bate a nossa porta e nem sempre é possível cumprir com o programado. Há urgências que nos tomam, pendências que nos sugam e telefonemas que nos espremem. Uma quantidade grande de imprevistos pode atrapalhar nosso planejamento de ações diárias se não nos organizarmos muito bem e com muita determinação. É fundamental estabelecer prioridades e ter certeza de que uma ação é imprescindível para não abandoná-la meio a imprevisibilidade diária. Houve tempos em que já me senti “bombeiro”, hoje penso que consigo lidar com um pouco mais de clareza com tudo isso.

Então, naquele dia de março, realizei as atividades iniciais, fui às salas de aula, cumprimentei alunos e professores, confirmei com a professora do 1º ano que faria a atividade programada com a sua turma e que seriam três grupos, como já havíamos combinado duas vezes, mas não tinha conseguido fazer ainda. Daquele dia de março, não passaria.

* Coordenadora Pedagógica. Atuação na formação de profissionais da educação - Formadora PNAIC/UNICAMP. Mestre em Educação pela Unicamp. heloisamartinsproenca@gmail.com

Claro que aconteceram imprevistos e solicitações inesperadas. Fui firme. Mantive a programação e recusei algumas atividades que surgiram de “última hora”. Fui à sala onde já me esperavam, conversei com as crianças dizendo que fariam uma atividade comigo, que faríamos três grupos e precisariam levar o estojo. Recebi abraços, beijos, seguraram nas minhas mãos [é essa sensação de ser professora que tanto me alegra o coração] e saímos dali para outra sala da escola. Usei naquele dia o laboratório de ciências.

- O que nós vamos fazer? - essa era a pergunta que os pequenos do primeiro ano me faziam.

Ser coordenadora pedagógica e querer continuar mantendo o vínculo com a sala de aula não é tarefa simples. Ah não é!!!!

- Pessoal, é assim, mais ou menos uma vez por mês eu vou convidar vocês para fazer uma atividade comigo, fora da sala de aula, para que eu possa conhecer um pouquinho mais sobre como vocês estão escrevendo. – foi o que disse tentando explicar porque estavam ali, naquela sala que não era a sala deles, comigo.

- Ah, então é prova. – foi o que um dos garotos disse.

Fiquei sem ação. Sem palavras mesmo. E o universo de discursos pedagógicos passou em um segundo pela minha cabeça. Respirei e respondi:

- Não é prova. É sondagem.

- SONDAAAAAGEM????? – responderam em uníssono. – O que que é isso Helô?????

Aí, comecei a explicar. Disse que era uma atividade para saber sobre como eles escreviam, contei como preparava, expliquei o que eu e a professora fazíamos com os resultados, teci todo discurso pedagógico que

havia passado em segundos pela minha cabeça para explicar-lhes o quanto considerava aquela atividade importante e todo blá blá blá que achei que deveria contar.

Eles começaram a me olhar, fizeram algumas perguntas, eu respondi todas. Depois perguntei ao grupo se poderíamos, então, começar a “sondagem”. Enquanto eu distribuía as folhas ao grupo, eis a observação que passou a habitar minhas reflexões e nunca mais me deixará realizar uma atividade de sondagem da mesma forma:

- Ah, Helô, é prova. Só que não tem nada escrito, a gente que vai escrever.

O agreste da metrópole

Minha jornada de trabalho é dividida entre o período da tarde no Ensino Regular e o da noite, na EJA. No período da noite as coisas não andam nada fácil, principalmente pela difícil convivência de alunos muito jovens, entre 15 e 17 anos, com os mais velhos. Parece que a única convergência entre eles é que ambos foram privados do direito de concluir o Ensino Fundamental, fora isso, ou mesmo em relação a isso, parece haver mais divergências que convergências entre eles.

Promover a convivência dos senhores e senhoras mais velhos, que afirmam estar em busca de recuperar o tempo perdido, costuma dar muito trabalho. Desde as músicas, as conversas, os jeitos de se sentar na sala de aula, os lugares que ficam na escola, etc, são muito diferentes. Um dia destes, gastei um tempão tentando fazer com que alunos mais novos se sentassem mais à frente na sala de aula, ou mesmo em dupla com os mais velhos, mas são poucos os que se sujeitam.

Nos momentos de discussões coletivas (TDC), nós professores temos discutido muito esse contexto, e estamos “tateando” a realização de um trabalho mais integrado, para que possamos lidar com essa diversidade

* Professor de Ciências da Rede Municipal de Educação de Campinas-EMEF “Presidente Humberto Alencar Castelo Branco”. Formado em biologia; Mestre em Educação pela FE-Unicamp. E-mail: joseantonio.ol@uol.com.br

de tendências e culturas dos alunos. No TDC de quarta passada, entre outros projetos, encaminhamos algumas propostas de trabalho, com relação, não apenas a temas necessários de serem abordados, mas também que iremos compartilhar tempos e espaço da aula, reunindo grupos e termos diferentes para aulas conjuntas, já que as turmas são pequenas, entre 10 e 15 alunos no máximo. Juntamente com o professor de Geografia que está abordando o tema migração, combinamos que iríamos trabalhar um vídeo sobre as características do bioma e da cultura das populações que habitam a Caatinga, a qual envolve vários estados do nordeste brasileiro e é terra natal de muitos de nossos alunos.

O clipe: "*Tom da Caatinga*" possui apenas 12 minutos, mas é lindo, e apresenta tanto as características físicas do ambiente, como da fauna do lugar, mas de uma forma muito atrelada à cultura, especialmente a musical, que conta a labuta do povo que, por ali, tenta sobreviver.

No momento que iniciamos o clipe, observei que os alunos continuavam em grupos: os do fundo da sala, os do centro e os mais velhos à frente. Mas o clipe foi conseguindo prender os olhares e a atenção. Todos se voltaram para a enorme tela do Data show, um equipamento que é fixo no teto da sala de aula. Terminado o filme, houve um certo silêncio. A provocação então foi que contassem o que haviam sentido ao assistir o vídeo.

Ariel, um dos adolescentes, coloca ser aquele um dos piores lugares do mundo. Ao ser questionado, contou que já havia morado por lá, e é o pior lugar porque não há acesso nem à internet, e em alguns lugares, nem energia há: *Como se vive num lugar desses?* Entre os jovens, todos

da sala, concordaram: *aquele é sem dúvida o pior lugar do mundo.*

José Santos, e José W., senhores de aproximadamente trinta e poucos anos, o primeiro, oriundo do agreste baiano, o segundo, mineiro, bem da divisa entre Bahia e Minas, ouviam aqueles depoimentos em silêncio e com olhos fixos nos adolescentes. Provocados se concordavam ou não, Santos, esperou o silêncio, mas com voz muito grave, cadenciada, e com sotaque característico, começa a falar.

Não, não são todos os lugares que a internet ainda não chega, mas o que o Sertanejo quer mesmo é chuva para plantar, para poder alimentar sua família, o gado. Contou que faz três anos que não chove em sua região, e trabalha na cidade grande para manter sua família naquele lugar, inclusive para manter um irmão na faculdade lá. Mas ele começou então a ser questionado: porque então não traz toda a sua família para morar junto aqui na cidade grande?

Santos continua contando sua história, e quando disse que por mais sacrificado que possa ser, aquele lugar, é melhor que a cidade grande, muitos perguntaram o porquê. A partir desse momento, começamos a perceber mundos diferentes se aproximando e se reconhecendo. Nas palavras do sertanejo “lá tem coisas que não podem ser deixadas de lado”. E deu alguns exemplos. “Quando alguém vê uma pessoa, ou família, precisando de um prato de comida, ou uma cama para dormir, pode ter certeza que não irá ficar sem ajuda. Agora, na cidade grande, é cada um pra si e Deus pra todos”. E continuou dando exemplos.

“Além de todo o sofrimento que os nordestinos sofrem quando vêm para cidade grande, ele sofre mesmo é com os preconceitos em razão do sotaque, cabeça chata, etc.” Contou um pouco do sentimento de como é chegar em certos lugares, e se deparar com as reações das pessoas quando percebem que um nordestino chegou. Mas não parou por aí.

Nesse momento, o grupo da sala de aula era ouvidos para as histórias de um nordestino. Contou também como humildemente conseguiu chegar a um cargo de confiança em um condomínio de luxo muito grande em nossa cidade, do qual é uma espécie de responsável direto dos funcionários. A conversa foi longe, e André, outro adolescente, também disse que na cidade grande não são apenas os nordestinos que são discriminados, mas também os skatistas, os artistas de rua. O sinal bateu, mas, todos percebemos como a metrópole também pode ser pior que o agreste semiárido.

Todos somos cientistas

Primeiro dia de estágio no 5ºB. Após as apresentações, sentados no chão, estiquei uma toalha no meio da roda e coloquei sobre ela 2 garrafas vazias. Olhos brilhantes e atentos, os alunos, queriam saber o que iríamos fazer e eu prontamente disse: ser cientistas!

Perguntei a menina mais tímida da turma se ela gostaria de fazer a experiência de encher a bexiga sem usar a boca. Com uma voz quase inaudível, ela disse que sim. Coloquei um jaleco nela para contentamento de todos. A cientista tímida foi fazendo tudo o que eu pedia. Colocou bicarbonato de sódio dentro de uma das garrafas e leu a embalagem deste sal para que todos soubessem o que era aquele pó branco. Então, coloquei uma bexiga na boca da garrafa e, para desapontamento dos alunos, nada aconteceu. Na outra garrafa, a cientista colocou um pouco de vinagre e uma nova bexiga foi colocada na boca dela: nada aconteceu novamente.

“- Prô, acho que a experiência está dando errada”.
(disse o menino goleiro).

Retirando as bexigas das garrafas, pedi que a cientista transferisse o vinagre para a garrafa que continha o sal. Rapidamente coloquei a bexiga nesta garrafa e ela começou a encher. Felicidade total!

* Professora Dra em Química da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Graduanda da FE/UNICAMP. Email: julitterra@uol.com.br

Ao perguntar o que estava acontecendo, vários alunos responderam que a bexiga estava enchendo. Indaguei: enchendo de quê? Uns disseram de “ar”, outros de “gás”.

Ao questioná-los de onde vinha este gás, a aluna risonha que disse gostar de estudar falou que era do “pó branco”. Logo foi repreendida pelo goleiro: “- Não é dele não, porque quando só tinha ele na garrafa, a bexiga não encheu”. Então, outro menino, cujo apelido é cientista, falou “o gás se 'soltava' quando o vinagre entrava em contato com o bicarbonato, para encher a bexiga é preciso ter os dois”.

Dei parabéns ao cientista e disse que era isso mesmo que acontecia. Falei que os cientistas chamam isso de reação química: o sal e o vinagre fazem uma reação que libera gás. Este gás, comentei, é o mesmo que sai do nosso nariz e se chama gás carbônico.

Então, outro garoto, o que gostava de jogar vídeo game, afirmou saber outra forma de encher a bexiga e que a garrafa poderia estar até vazia. Perguntei se ele queria fazer para todos verem a sua ideia. Ele colocou a bexiga na garrafa que antes tinha o vinagre e, apontando para a garrafa disse: “- Aqui dentro, prô, também tem ar; mas para encher a bexiga é preciso fazer ele “andar””. Apertando a parte inferior da garrafa, o aluno fez a bexiga encher.

Agora foi a minha vez de ir ao delírio: viram crianças, como todos vocês são cientistas? Juntos conseguimos explicar de que forma a bexiga encheu quando tínhamos o bicarbonato e o vinagre na garrafa; e conseguimos criar uma nova forma de encher a bexiga só com a garrafa.

No final da demonstração, os alunos me perguntaram:

“- Professora, na semana que vem vamos ser cientistas de novo?”

“- Posso ser o cientista que usa avental?”

Será que é só começar?

Tive uma conversa com o pessoal do 5º ano e durante a conversa, uma das meninas não me deixou esquecer – conforme combinamos – de aproveitar e cobrar a contribuição dos meninos para ajudar a guardar os instrumentos ao final das aulas, e o fiz.

A reação dos meninos foi surpreendente... (me assombrou?) ficaram sem entender, alguns, rindo, outros, tentando parecer indignados, uns poucos, ou então disfarçando, outro tanto... enfim, estávamos nesse impasse quando Jonas disse com convicção “que isso era serviço de meninas, mesmo!”, para mim, totalmente anacrônica manifestação... Como reação imediata, anunciei: “Meninas, hoje vocês vão assistir de arquibancada os meninos guardarem todos os instrumentos, cada baqueta caída no chão em seus lugares certos, só para aprenderem como é, sem a ajuda de vocês.” É claro que elas vibraram um pouco mais do que deveriam. Depois, eu teria que retomar.

* Professora de Música no Colégio de Aplicação “PIO XII”-PUC-Campinas. Bacharel em Música pela UNICAMP. Mestre em Educação pela PUC-Campinas. Doutora em Educação pela UNICAMP. Realizou estágio de doutorado na Itália com financiamento da CAPES-PDEE(0994-11-1). E-mail: laserodio@gmail.com

Eles guardaram tudo, reclamando com o Jonas. E deram muitas risadas também. As meninas só diziam: “tem uma baqueta ali... uma tecla de xilofone lá...”

Na semana seguinte, claro, voltei ao assunto. Nem eram todas as meninas que ajudavam, nem sempre todas, nem todas as semanas. Também não eram todos os meninos que não ajudavam invariavelmente. Aquilo tinha mesmo que ser retomado, mas só então percebi que a fala das meninas escondia muito mais do que a recusa de alguns meninos de ajudá-las. Parece que aquela brincadeira do Jonas não era mesmo só uma provocação, começava a me cheirar ranço de machismo, mesmo!

Antes de chegar nessa parte do assunto, estava dizendo que as mulheres de tempos atrás – não muito tempo – nem sequer podiam votar, não podiam sair sozinhas às ruas ou usar calças compridas em muitos lugares, etc. Acho que foi isso que mais os espantou, aliás, a questão das calças compridas. Em meio ao burburinho, um dos meninos que é meu aluno há cinco anos começou com uma atitude de... sei lá, pouco caso, ostensivo, dirigido a mim. “Anhan... sei...” com os braços e mãos abertos, ombros erguidos como se o que falávamos não tivesse a menor importância para ele “e eu com isso?...” e de novo... e outra vez.... e outro aluno começa com a mesma atitude e mais outro, agora um aluno novo. Cinismo? Será essa a palavra? Não. Palavra nenhuma pode trazer o que eu senti neles.

Pedi ao primeiro que saísse da sala que eu já iria até lá conversar. Queria saber alguma coisa a mais... não podia permitir que ele continuasse enfrentando, afrontando. Fui em seguida e lhe perguntei, para saber, onde é que ele havia aprendido aqueles gestos e aquela postura de

enfrentamento que eu nunca havia visto nele. Nesse momento seus olhos se encheram de água, apesar de não ter baixado a guarda. Achei que a pergunta e a água nos olhos davam por encerrada a questão, sugeri que fosse lavar os olhos e voltasse. Foi.

Voltou para a sala rapidinho e o burburinho ainda continuava, pois o aluno novo insistia... e os vinte e cinco minutos restantes da aula de quarenta e cinco foram passando – para piorar, todos tinham chegado atrasados na sala de música, nesse dia.

Nisso, vi uma das meninas de mãos no alto, pedindo para falar.

Finalmente pude escutá-la: “Liana, os meninos estão sempre tratando a gente desse jeito na classe...”

Dúvida universal

Era uma turma de 3º ano do Fundamental I. Estávamos muito envolvidos com o projeto do Sistema Solar. Após muitas leituras, descobertas, registros, surgiu em nossas conversas um grande conflito: quem criou o Universo?

De um lado, havia crianças que defendiam a teoria do Big Bang. Do outro, crianças que acreditavam na criação divina do Universo.

Num dado momento da discussão, eles começaram a me olhar, esperando que eu desse o veredito final. Disse que isso não cabia a mim, que a minha função era apresentar as mais variadas teorias e que cada um de acordo como o seu sistema de crenças escolheria a que julgasse melhor. Eles não ficaram felizes com a minha resposta, queriam sair daquele buraco negro que se encontravam. Mesmo os mais convictos pareciam em algum momento titubear, pois esta discussão mexia com algumas verdades. Alguns diziam:

- Eu também acredito em Deus... Mas o meu pai disse que foi o Big Bang... E agora, no que acreditar?

Fomos para casa com a cabeça fervendo com tantas possibilidades e contradições. Afinal de contas, também havíamos lido textos sobre a origem do Universo segundo

* Professora dos cursos de pós-graduação em Psicopedagogia e Educação Infantil da UNISAL (Campinas). Mestre em Educação FE/UNICAMP. Email: luciannamagri@hotmail.com

os Maias, os Gregos, os egípcios, os Yanomamis, Celtas e outros povos.

No dia seguinte, Tiago, sempre muito vivaz, chegou à classe atropelando todo mundo. Como se tivesse em suas mãos o nosso acordo de paz. Disse:

- Lucianna entendi! Fiquei a noite todo pensando e cheguei a uma conclusão.

- Olha, o meu desenho!

No desenho, ele fez Jesus Cristo diante de um botão grande vermelho. Ele o apertava e dava início ao Big Bang.

Ufa! Por um instante, esse desenho nos tirou do caos. Por um instante...

O dragão, a borboleta e o coração de papel

A primeira coisa que notei ao entrar no sétimo ano foi que os alunos estavam, em sua maioria, fora do lugar marcado no mapa da sala.

- Volta para o seu lugar – ordenei para um menino quase ruivo que havia deixado seu lugar à frente para ficar perto dos colegas mais ao fundo.

- Está todo mundo fora do lugar! – protestou. Não respondi e logo ouvi novos pedidos: “Professor, posso sentar ali?”

Não sei dizer por que permiti que se reorganizassem do jeito deles, talvez porque eu já estivesse muito concentrado para outra programação, a da aula: leitura e comparação de duas imagens do século XVIII. A primeira mostra um casal de artesãos produzindo tecidos; a segunda também mostra uma tecelagem, porém mecanizada, só com mulheres trabalhando e uma menina no primeiro plano, recolhendo algum objeto do chão. Impressiona o tamanho das máquinas e dos mecanismos.

Terminaram a atividade rapidamente.

Eles já estão acostumados com o momento seguinte da aula, de leitura dos escritos: todos ouvem e abre-se o tempo para comentários. Pedi que uma das meninas sentadas à frente lesse a atividade - o lugar “certo” dela é

* Professor de História da Secretaria Municipal de Educação de Campinas. Mestre em Educação na FE/UNICAMP. Doutorando da FE/ UNICAMP. marcemino@uol.com.br

lá atrás, na última carteira porque ela está entre as “altas” da sala; é mais velha e reprovou no ano passado por faltas. Ela então leu. Um texto curto, mas correto e bem feito. Os colegas então começaram a aplaudir com espontaneidade e alegria. Tanta cumplicidade solidária me desconcertou.

Costumamos dizer entre nós, professores, que é um milagre que esta garota ainda esteja inteira, passou a vida aviltada pela pobreza e já foi brutalizada pela covardia do mal dentro da própria casa. São histórias de abuso que não precisam de detalhes.

Eu já estava de saída quando ela me entregou um bilhete. Sem dar muita atenção, guardei-o mecanicamente na bolsa e só fui ver no outro dia pela manhã. É uma dobradura em forma de coração. Para fazê-lo ela precisou dobrar muitas vezes a folha do caderno, tem ali uma técnica das lagartas e das borboletas; é preciso cuidado para abrir: dentro dele uma mensagem de carinho pelo professor, que interpreto também como extensão àquele momento de reconhecimento pelos colegas.

Só se acessa essa mensagem se o coração de papel for desmanchado, e precisa ser com cuidado, senão pode rasgar. O mais complicado é quando se tenta dobrá-lo novamente, é preciso muito cuidado e delicadeza para refazer as dobraduras seguindo as linhas vincadas, se forçar uma delas o coração não toma forma, vira outra coisa – num dos meus descuidos virou um dragão.

O caminho que nos leva ao outro em nós são como essas diversas linhas dobradas. Não há uma lógica ou qualquer outra ordem que possa ser equacionada, é o reconhecimento de que somos o resultado provisório do que nos une.

Possibilidades para o ato de ler

Naquele ano, com uma classe de segundo ano, transitava ainda sem tanta habilidade com a alfabetização. Até então a maior parte de minha experiência docente se referia às turmas de quartos e quintos anos.

Mas a novidade estava de fato me envolvendo, tanto que na primeira oportunidade, já estava cursando o programa para professores alfabetizadores – Letra e Vida.

Uma das premissas desse programa é a prática da leitura – o professor ler diariamente para seus alunos – assim, sendo eu uma leitora apaixonada, assumi essa prática sem demora.

Todas as manhãs, o dia escolar, já começava extremamente barulhento e agitado, batizado pelo sinal mais alto e estridente que se pode imaginar. Era criança pra cá, criança pra lá, todas em busca de seus lugares, não antes de muitos esbarrões, confusões e discussões por causa de carteiras.

Eu, agitada também, imaginava se conseguiria dar conta da rotina planejada, se o tempo e as crianças colaborariam ou se conseguiria entregar relatórios e outros documentos nos prazos estipulados. Incrível como são tantos...

* Professora Efetiva da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Graduada pela FE/UNICAMP. Email: macribf@yahoo.com.br

Então, depois de um sonoro bom dia, começava a leitura. Lia para eles as mais diversas histórias. Dos mais diversos gêneros e em variados portadores. Fomos construindo pouco a pouco nosso ritual diário de leitura. Imitava vozes, criava expectativas, deixava suspense, pedia que inventassem outros desfechos. Eles adoravam. Eu adorava. Me envolvia, me emocionava. Ficávamos bravos com finais tais como o de Chapeuzinho de Perrault: sem “final feliz”.

Menino também estava lá. Mas ao contrário das outras crianças, não ia para seu lugar. Andava para lá e para cá. Com sua mãozinha passava espalhando e jogando objetos já colocados em cima das carteiras, esparramando-os pelo chão, outras vezes lançando-os em direção a janela. Empurrava um colega sentando-se em seu lugar, para em seguida se levantar e procurar outra “vítima”, ao mesmo tempo em que carinhosamente pedia desculpas, passando sua gordinha e pequena mão pelo rosto da criança. Certa vez, até a chave do meu carro, esquecida em cima da mesa, foi parar atrás de um armário. Que sorte a minha a sala estar cheia de pares e pares de brilhantes olhinhos observadores!

E a leitura continuava. Movimentava-me por entre as carteiras, indo ao encontro dele, pegava-o tranquilamente pela mão e o encaminhava ao seu lugar. Trajeto esse não sem muitos outros objetos lançados ao chão.

Assim era nossa rotina diária. Muitas histórias, muitos livros, muitas emoções...

Um dos livros mais explorados era o Livro Texto do Aluno, com um rico e diversificado repertório. Nosso “livro laranja”.

Então, num daqueles dias, nem mais nem menos agitado e barulhento, depois de nosso sonoro bom dia, menino se dirigiu à estante, pegou o livro laranja, pegou em minha mão levando-me ao meu lugar. Postou-se a frente da sala, com o livro desajeitadamente aberto. Esperou que todos o olhassem – nesse momento, todos já o observavam curiosos – e... leu.

Leu para mim e para os colegas. Balbuciou palavras, fez expressões de espanto, riu, mostrou figuras. A cada gesto, olhava em minha direção. Leu sem saber ler.

Esse foi um dia memorável para mim. Ali, à minha frente, menino mostrava-me com seus gestos, seus olhos e uma grande satisfação estampada em seu rostinho, o que eu havia lido em tantas e tantas teorias, sobre o ato de ler.

Novas experiências e a importância de ouvir o outro

Primeiro dia de aula. Uma nova turma de alunos iria iniciar. Novas experiências: alunos na sua maioria adultos, trabalhadores, voltando a estudar, com desejos de poderem crescer profissionalmente.

Eu estava muito ansiosa. Acordei antes da hora, coisa muito rara de me acontecer. Trabalharia com eles “Redação Técnica” em um curso técnico de Meio Ambiente.

Precisando fazer uma avaliação diagnóstica e ao mesmo tempo querendo conhecê-los, levei para eles a seguinte proposta: escrever um texto sobre si, com o seguinte título: “Quem sou eu?”. Para motivá-los levei o livro “Rápido como um gafanhoto” de Audrey Wood, da Brinque-book. Fiz a leitura em voz alta para eles, mostrando as ilustrações.

Enquanto escreviam, fui andando pela sala, conversando com cada um, sabendo de suas vidas. Depois de conversar com todos, descobri muitas coisas: três alunos trabalham na Sanasa; duas alunas trabalham durante a noite, em escala 12 por 36, muitas vezes vêm pra sala com sono; alguns alunos vieram de outros estados como Bahia e Minas Gerais; um deles teve um filhinho que nasceu prematuro, corre com ele para tentar

* Professora do Centro de Educação Profissional de Campinas “Prefeito Antônio da Costa Santos” – CEPROCAMP. Mestre em Educação pela FE/UNICAMP. Email: mariapinheiro.2005@uol.com

sanar os “atrasos” decorrentes desse fato; etc, etc, etc... São seres humanos e como é importante saber um pouquinho mais de cada um, sempre!

No final da aula, ainda fizemos uma dinâmica para que o grupo se conhecesse melhor: através de diferentes perguntas, os alunos iam se dividindo em 2 subgrupos, como por exemplo, quem nasceu em Campinas, quem é casado, quem é filho único, quem trabalha. Todos foram se conhecendo mais, afinal de contas era o segundo dia de aula daquele grupo.

No final da aula, recebo um bilhete de uma aluna: “... Adorei sua aula. Apreendi muito com essas poucas horas que passamos juntas. [...] Eu tinha o sonho quando adolescente em ser professora, mas a vida me levou para outros caminhos. Admiro muito esse trabalho maravilhoso de vocês. Na Bahia eu trabalhei 2 anos com educação de jovens e adultos, sinto tanta falta desses dias de troca de aprendizado....”

Nem preciso dizer que terminei a manhã, naquele primeiro dia de aula, extremamente feliz: por conhecer aquele grupo de pessoas tão especiais, por ter recebido esse bilhete-presente, por saber que poderia fazer um trabalho importante com aquele grupo, por trabalhar com aquilo que gosto e me sentir realizada em minha profissão.

Maria Fernanda Pereira Buciano*

A lagartixa

Eu já estava sensibilizada e com o olhar desanuviado por alguns acontecimentos importantes na semana: como ver Josias dançando break e fazendo o maior sucesso no Festival de Música da escola!

Jô, dá um trabalhão vez por outra: chora aos gritos, tampa os ouvidos e vira “estátua” quando quer algo que não pode ter na hora.

Algo surreal, só vendo... Faltou muito, muito até semanas atrás. A mãe pediu demissão do emprego para diminuir as faltas dele. Josias tem melhorado desde então, mas...

Em situações em que é contrariado, depois de chamar atenção para si, de alguma forma, costuma abrir-se para a conversa quando chamado ao diálogo comigo e só comigo. Quando digo, por exemplo (e geralmente longe do grupo):

- É a prô que está aqui... para de fazer isso, me machuca... O que eu te fiz? Mereço chute? Mereço que você me ignore? ...

Daí começam a lembrar dos motivos da braveza e consigo (na maioria das vezes, mas nem sempre) conversar calmamente com ele.

* Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental SME/Campinas. Mestre em Educação – FE/UNICAMP. Email: mafebuciano@gmail.com

Jô, estava fora da sala, tinha saído para beber água, quando ouço um “forfé” no corredor.

Abro a porta e dois meninos o seguravam pelos braços, enquanto ele se debatia.

Pedi que o soltassem e eles me disseram que Josias jogava pedras no teto e que assim quebraria as lâmpadas.

Os dispensei e disse que Josias me contaria o que estava acontecendo.

Jô, com voz e olhar baixos, percebendo que fez besteira, disse:

- Eu estava tentando acertar perto da lagartixa pra ela ir comer os mosquitos! Eu não ia acertar a lagartixa!

E me levando até a lixeira da sala bateu, bateu até subirem muitos mosquitinhos...

Eu, sem saber o que dizer, falei:

- Senta, Jô, senta...

Como eu explicaria que basta trocar o sanito do cesto? Afffff... Tão mais legal ir buscar uma lagartixa! E a turma já me solicitava. Dei por encerrado o assunto da lagartixa.

E mais uma vez pensei, que poderia ter dado uma bronca enorme nele se não o tivesse ouvido. Tem sido difícil manter a “espinha ereta e o coração tranquilo” para ouvi-los em meio à tanta violência...

É um exercício constante, a cada minuto, lembrar que entender as lógicas de ação deles para organizar e reorganizar o trabalho é a minha prioridade número UM!

Coluna grega, arco romano, arroz doce aninhanho

Sala nova de arte só para mim! Adaptada com divisória de amianto e permitindo a passagem de todo tipo de som; cortinas, embora despencando, mas raridade na escola; porta transformada em parede, mas com o vazado do buraco da antiga fechadura, servindo de meio de comunicação entre os adolescentes nas trocas de aulas; um ventilador barulhento que não pode ser virado para baixo, pois quebrou e ficou mais curto com o conserto; um microondas para os alunos, de todas as turmas utilizarem no almoço e toda “organização” típica dessa idade, quando bate o sinal e tento desmontar os equipamentos com extensões e fios se enroscando em pés agitados...

No meio do calor insuportável no início do período da tarde, euforia e tentativa de retomar o assunto da aula anterior, quando uma rajada inesperada de vento levanta partes do forro e uma fica dependurada. Correria, pedido de ajuda e a resposta: “se cair em alguém não mata é leve, só dá coceira porque é de fibra de vidro”.

Serenada a confusão retomo para organizarmos as apresentações/avaliações que serão em grupo e em diferentes linguagens. Deverão demonstrar a visão de mundo dos egípcios, gregos e romanos e como isso se

* Professora de Artes e disciplinas pedagógicas do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo - *campus* Bragança Paulista. Doutorado em Educação - FE Unicamp. Email: zezenascioliveira@yahoo.com.br

refletiu na produção artístico-cultural. Agitação total interrompida pela solicitação do Victor:

- Prô, mostra as imagens das esculturas gregas, quero ver se sou um deus grego mesmo!

- Aproveita e prepara uma apresentação sobre isso, coloque umas espumas sob a roupa para ficar igual a eles!

- A gente quer fazer sobre o Egito!

- E nós gladiadores romanos!

Abro o 'pen drive' para selecionar os 'slides' e enquanto procuro alguém pergunta:

- Professora, o que é esse arquivo "arroz doce com canela" é uma receita?

- Não, é uma pipoca

- PIPOCA!!! (Vários alunos)

- Faço parte de um grupo de pesquisa. Lá estudamos, conversamos e partilhamos nosso cotidiano de sala de aula e, muitas coisas como as que aconteceram agora pouco, acontecem com mais professores, algumas legais, outras nem tanto, que ficam pipocando em nós e nos lugares onde trabalhamos e aí escrevemos sobre elas, dividimos com o grupo e sempre aprendemos com isso. Na verdade acho que a gente procura fazer da escola e de nossas aulas espaços um pouco mais humanos. Essa é a pipoca da Aninha.

Abrimos o texto, lemos juntos, eles adoraram e pediram para eu fazer arroz doce com canela para eles.

- Porque na sala dela tem 27 mulheres e um homem?

- ????

- Talvez seja uma turma de EJA?? Também não sei!

- Minha mãe fez EJA!

- A minha também! (explicam aos demais o significado da sigla)

- Minha avó fazia arroz doce pra mim, deu saudades!
- Eu nunca comi! - Prô, você faz mesmo?
- No dia das apresentações finalizamos com arroz doce com canela!
- Pode trazer pipoca pra fazer no microondas também?
- Deixa pra quando a prô passar o filme!

Numa suspensão do tempo “escola/conteúdo/problemas” falamos de Proust, avós, mães, cheiros, sabores, colunas gregas, arcos romanos e do vírus ‘Cavalo de Tróia’.

Histórias ao vento

Narrar o ocorrido pode ser rememará-lo, revivê-lo, refleti-lo, e nesse caso é com grande alegria que me lembro do acontecido na escola, onde histórias ao vento ficaram na história, e principalmente em minha memória.

Há tempo, como coordenadora, tinha o desejo de planejar junto com os professores algo que envolvesse todos os alunos da escola, de 0 a 5 anos/creche e pré-escola, algo que fosse prazeroso, criativo e que as crianças pudessem interagir umas com as outras. Após apresentar a proposta definimos em reunião pedagógica que o foco seria o contato com os livros e então combinamos como organizaríamos o espaço destinado a leitura e fizemos uma seleção minuciosa dos livros, de modo que atendesse as faixas etárias envolvidas. Todo esse processo de busca e troca de ideias foi muito valioso para o aprendizado do corpo docente, trouxe vida e movimento à escola.

Aquela manhã começou diferente, no pátio com o nascer do sol atrás das árvores começamos a pendurar os livros nos galhos com elástico de forma que ficassem ao alcance das crianças deitadas ou sentadas. Colchonetes e almofadas foram dispostos por todo o espaço entre as árvores, criando um ambiente aconchegante. Ver toda aquela movimentação dos professores e dos livros ao

* Professor Coordenador Pedagógico da Prefeitura Municipal de Monte Mor. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação-UNICAMP

vento me fez pensar em como é bom estar na escola, e como estar com o outro pode trazer muitos aprendizados. E é claro que tudo isso gera coisas boas nos alunos. Muitas vezes, como gestores, repetimos as mesmas coisas em reuniões mas não colocamos a mão na massa, não damos o primeiro passo. Dessa vez foi diferente, planejamos antes, demos o primeiro passo juntos, colocamos em prática nossas ideias.

É claro que não sabíamos como as crianças iam reagir, a proposta era misturar todas as idades, bebês com crianças de 5 anos, mas nos propusemos a tentar, e combinamos anteriormente que só íamos intervir na escolha dos livros e nas inter-relações quando necessário. Do contrário nossa função seria observar as falas, os gestos, os olhares...

Quando as crianças começaram a pipocar no pátio viram o espaço tão especialmente montado, e logo começaram a exclamar:

- “os livros estão voando”
- “podemos ler e descansar”
- “venha bebê, esse que é pra você”
- “depois que você terminar, quero o seu”
- “esse livro tem muita letra, não quero”

Infelizmente talvez não consiga descrever a reação dos bebês que ainda não falam mas posso garantir que aproveitaram bastante e interagiram bastante com as crianças maiores. É claro que houve alguns conflitos e pequenas disputas por determinados livros, mas foram facilmente contornados. A mudança do espaço proporcionou reações diferentes nos professores e nas crianças, como uma simples alteração de lugar pode favorecer o aprendizado.

O envolvimento e comprometimento de toda a equipe fez muito diferença na aplicação da atividade, mas como coordenadora, pude ver o processo de dentro e de fora, e o que eu vi, foi gratificante e estimulante. Novos desafios e aprendizados são sempre bem vindos na escola, constatamos que juntos podemos aprender cada vez mais, principalmente uns com os outros. Após avaliação de todo o processo os professores comentaram que perceberam o quanto as crianças aproveitaram e se envolveram com os livros e com o momento em si, concluímos que precisamos desses momentos bem planejados e intencionados, pois a rotina com os cuidados acabam por consumir boa parte do espaço na educação infantil deixando o “educar” um pouco de lado.

E como o processo ensino-aprendizado na escola nunca termina, fica sempre a pergunta, o que mais podemos fazer, aprender, buscar..., acho que bem mais que podemos imaginar.

De coisas do céu

Outro dia ganhei uma estrela – que de onde venho quer dizer que arranjei uma coisa nova para pensar. No meio da aula o céu começou a envelhecer: o azul foi indo para o cinza, passou pelo branco, até chegar na escuridão. As crianças se agitaram vendo a noite aparecer sem ser chamada, trazendo consigo trovoadas e clarões. Eu continuei meu andar por entre as mesas até que, nas primeiras águas das nuvens, alguma coisa prendeu minhas pernas: Anita tremia sem ter frio, carregava medo e lágrimas nos olhos. “Será que não era suficiente tanta água lá fora?”, brinquei. E quando se brinca, espera-se, ao menos, um sorriso amarelo, mas ali só havia receio. Anita, sempre tão forte e decidida, confessou: “Prô, é porque eu ainda não tenho sete anos”. Meu coração amoleceu, óbvio. E fui eu lá colocar Anita em aconchego, colo e ninho. Seu corpo abraçava o meu e pedia que eu não o soltasse. E nos quedamos assim, em braços, forças e tempestade. Quando passou, Anita pulou do meu colo, me deu um beijo e continuou cortando revistas como eu havia pedido pouco antes. Quando passou, deixei Anita no chão, ganhei um beijo e transformei um medo em uma estrela.

* Professora Efetiva da Secretaria Municipal de Educação Louveira. Graduada da FE/UNICAMP, graduanda da FFLCH?USP. Email: patyfujisawa@gmail.com

O estouro da pergunta

Era começo de semestre com o 1º colegial, e como sempre apresentava a disciplina de Psicologia e seu planejamento para aquele ano e os dois seguintes.

Expliquei que sou Psicólogo e meu objetivo com eles era auxiliá-los a se conhecerem para que então escolhessem quais seriam seus próximos passos ao saírem do colegial, principalmente quais profissões seguiriam.

Mostrei alguns temas como sugestão para nossas aulas, como sentimentos, liberdade, sexualidade, drogas, profissões, carreiras, etc. e disse que eles poderiam sugerir outros que os interessassem.

Eles perguntaram sobre as graduações, e demonstraram espanto em saber que existem mais de duzentas opções, e que o índice de alunos que passam no vestibular e depois desistem do curso por não terem acertado na escolha é alto.

Após ouvir muitos “nossa” na sala, abri para perguntas. Eram muitas, sobre a disciplina, sobre graduação, vestibular, etc. Fui respondendo a todas de maneira sucinta, com o intuito aprofundá-las nos próximos encontros. No entanto, uma pergunta deixou-me sem resposta, estourou como uma bomba e instaurou um silêncio na sala... A bomba foi a seguinte...

* Psicólogo. CRP: 06/115182. FAJ - Faculdade de Jaguariúna. Grupo de Terça GEPEC (UNICAMP). Instituto Educacional Ativa de Itapira. ASCORSI - Itapira/SP

Uma menina pergunta:

- Nós só teremos uma aula com você por semana?

- Sim.

- Por que temos tantas aulas de tantas coisas que não vamos usar na nossa vida, e a aula mais importante que vai nos ajudar de verdade a escolher nosso futuro só temos uma?

O que pensam as crianças...

Nos encontros de formação com os professores – coordenadores costumo compartilhar experiências, ideias, imagens do ponto de vista da criança e evidenciar sua lógica ao lidar com as dificuldades, ou mesmo ao buscar soluções para as mais variadas situações problemas com que se deparam e, conseqüentemente, sentem-se desafiados. Ao partilhar esse conjunto de experiências tenho a intenção de encantar os coordenadores além de “contagiá-los” no bom sentido, a buscar essas situações no contexto escolar em que trabalham de forma a estarem cada vez mais próximos e realmente interessados nos alunos.

Então, dia desses, Erika nos contou que uma professora do 1º. ano veio lhe pedir ajuda, pois não estava conseguindo descobrir o que Ana, sua aluna, já sabia sobre o funcionamento do sistema de escrita. Sandra a professora, pediu que Erika realizasse um novo ditado de palavras com a Ana para confirmar a sua ideia inicial de que ela pouco sabia.

Ana gosta muito de estar com a coordenadora e estava totalmente à vontade com a situação segundo relatou Erika, porém após o ditado da última palavra Ana parou e ficou a pensar. Erika nos contou que logo perguntou: O

* Formadora no Instituto Avisa Lá – SP. Mestranda da FE/UNICAMP.
Email: rsfrauendorf@globo.com

que aconteceu Ana? Você ouviu o que eu ditei? Olha vou repetir... a palavra é BIS.

Ana respondeu: “Tudo bem eu entendi, mas em vez de BIS posso escrever CHOCOLATE.”

E como uma situação puxa outra em seguida Regina, outra coordenadora logo se lembrou de um outro caso, quando seu aluno diante da palavra ditada BOLO fez a seguinte afirmação:

“Olha BOLO eu não consigo escrever, mas BOLINHO eu consigo e grafou: OIO”.

Desafio-e-esperança

Ao abrir o portão da escola, sorri e assim, sorrindo, permaneci por uma vida. Aquele burburinho de crianças na hora do recreio sempre foi para mim como um biscoitinho inglês a evocar lembranças saborosas de um tempo, meio a meio tecido, desafio e esperança.

Entre o portão e a sala de reunião, repassei as memórias mais fundas...

O primeiro dia em que dei aulas e tinha certeza que as crianças sabiam que era a minha primeira vez; o dia em que tive de ensinar divisão de números racionais e não sabia porque $0, \dots$ dividido por $0, \dots$ dá no que dá; o dia em que levamos as crianças para conhecer o Play Center e uma das mães que foi nos ajudar se apavorou completamente por não encontrar um de seus tantos filhos na hora de voltar – mas ele não havia ido!; o dia em que levamos as crianças no Museu do Ipiranga e elas não entravam de forma alguma no museu porque... nunca tinham visto um jardim na vida e não queriam sair de lá!; o dia em que uma aluna veio assustada do banheiro porque tinha saído um bicho enorme de dentro dela, uma lombriga; o dia em que descobri que uma aluna recém-ingressante na escola já sabia ler com fluência e eu não

* Professora, formadora e assessora de projetos em educação. Pesquisadora do GEPEC, doutoranda na Faculdade de Educação da UNICAMP e coordenadora de projetos do Instituto Abaporu. E-mail: rosaurasoligo@gmail.com

conseguia compreender como isso era possível; o dia em que descobri que minhas colegas me achavam uma mocinha ingênua e tola cheia de ilusões na cabeça; o dia em que meu aluno foi para a aula armado com uma pistola; o dia em que meu outro aluno, amigo deste do revólver, me perguntou, ofendido, porque eu gostava mais do amigo dele do que de todos os demais; o dia em que o Antonio, meu aluno mais desinformado das coisas da escrita, me respondeu *'eu sei que aí tá escrito meu nome porque foi você que me avisou'*; o dia em que descobri que o mais importante nem é tanto o professor ter uma prática inovadora, mas acreditar verdadeiramente que todas as crianças podem aprender...

Quando meus colegas chegaram para a reunião e perguntaram se eu queria um biscoitinho e um chá, sorri novamente. As pipocas que pularam na bacia de lembranças, por obra do burburinho, eram para mim suficientes.

A cobrinha que fez xixi

Nossa turma decidiu chamar-se “turma da cobrinha”. Poucos dias depois, estávamos no parque cimentado, e eu, caminhando lentamente, senti um leve estalar sob meu pé. Levantei o chinelo curioso com o que era e já um pouco preocupado.

Era um piolho-de-cobra, e eu tinha esmagado uns 30% do seu corpo, mas longe da cabeça. Observei alguns segundos, e o bicho ainda estava vivo. Eu quis crer que ele ainda tinha chances de viver mais uns bons anos de piolho-de-cobra. Talvez fosse verdade, mas não conheço o organismo desses animaizinhos.

Acontece que algumas crianças me viram olhando o bichinho e vieram ver também. De pronto, alguém definiu: “a cobrinha”! E cobrinha virou. Eu não contestei a veracidade científica de tal afirmação, porque queria mesmo ver aonde aquela conversa ia dar.

Com tantas cabeças se aproximando do chão, o espaço ficou pequeno, e decidi melhorar a observação. Peguei uma mesinha e pus o piolhinho sobre ela.

Logo, o bichinho começou a andar, e as crianças se animaram. Foi um “tá andando”, um canta musiquinhas, um “esconde a cobrinha”, e um tanto de risadas. Até que um dos pequenos gritou:

* Agente de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Campinas. Graduado em Pedagogia na FE-Unicamp. E-mail: ruyotiba@yahoo.com.br

- Fez xixi!

É a idade de tirar fraldas, e todos sabem que chão molhado é porque escapou xixi. O bichinho deixou vaziar seus fluidos corporais enquanto andava pela mesa...

Insistiram:

- A cobrinha fez xixi!

- É? É... É!

Antes que eu decidisse se explicava ou não, tive que ir socorrer uma criança que tropeçou e chorava a alguns metros dali. Nada grave. Mas, quando voltei, a tal cobrinha estava partida em dois, e já não se mexia. Uma criança de outra sala, que não participou do que vivemos até ali, passou pela mesa e achou que seria interessante partir o bichinho.

Tive que dar a notícia ao grupo:

- Gente, a cobrinha morreu.

- Morreu?

- É... Ó, tá vendo? Ela não se mexe mais...

Todos ficaram tentando entender um pouco melhor. Propus, então, levarmos os pedaços da “cobrinha” para a grama. Todos vieram juntos, deixamos a “cobrinha” num cantinho e demos tchau.

Sobre jeitos de ler o mundo

Maurício e Vicente são grandes amigos, cúmplices nas artes, nos segredos, em suas invenções e no trabalho. Na turma dos heróis posso dizer que são uma grande dupla, juntos conseguem mobilizar o que o outro tem de melhor e, assim, ficam imbatíveis. Os dois chegaram lendo o mundo, mas não através das letras.

Com o tempo o primeiro começou a escrever, leu suas primeiras palavras na presença de Vicente e começou a entender o seu redor através de outro instrumento: a escrita. Vicente, também foi descobrindo esse mundo, mas seus passos eram mais lentos do que os do seu amigo - talvez porque a sensibilidade que tem para a investigação e para a criação seja tão grande que ocupe um belo espaço dentro dele, nunca saberemos ao certo a razão.

Hoje, mais especificamente às 13h45min, quando os heróis encontravam-se num furdunço organizado e produtivo (essa denominação porque todos produziam, mas esses aí produzem se movimentando, interagindo, falando, trocando ideia... tudo isso muito mais enérgico do que a professora estava acostumada com os alunos dos anos anteriores) Má correu até mim, - a professora - trazia em seus olhos um brilho mais intenso do que o normal e

* Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Mestranda da Faculdade de Educação da UNICAMP. Email: simasvanessa@yahoo.com.br

em sua voz um tom mais alto devido à empolgação e disse:

- Prô, o Vi leu! O Vi aprendeu a ler, é verdade!!!

O segundo, que sempre se preocupa muito com esse mundo novo da escrita, carregava uma expressão de felicidade misturada com surpresa – seria pela tomada de consciência do quanto que ele significa para o seu amigo? Ou seria pelo que tanto queria: aprender a ler? Talvez pelos dois motivos – vindo em minha direção, logo atrás do seu colega, disse:

- É!

E Maurício que ainda não conseguia se conter - a alegria transbordava pela voz, pelo olhar e pelos gestos - insistiu:

- Prô, tinha bico, ele falou "b com i é bi e c com o é co, é bico"!

E a dupla saiu - Má não cabendo em si de tanta felicidade e Vi todo orgulhoso por ter em suas mãos essa nova maneira de ler e inventar a vida - pronta para desvendar os mistérios desse mundão de meu deus.

Homenagem de um Paraninfo

Peço licença ao protocolo
Por não vir desta tradição
Vou rimar algumas palavras
Que vem do meu coração.

Fiquei horas pensando
Como a matemática é leviana
Se na média somos iguais
A realidade ninguém engana.

Dois mais dois são quatro
E assim nós aprendemos
O Brasil tem problemas
Que ainda não resolvemos.

Os dados estão por ai
E já não é possível esconder
É preciso muito estudar
Para os problemas resolver.

* Wilson Queiroz, professor de matemática Secretaria Municipal de Educação de Campinas, Mestre em Educação Gepec - UNICAMP - Ensino de História e Cultura Africana e Afro Brasileira, cordelista. wilsonq10639@gmail.com

Já não é mais possível
Ser grato apenas de coração
É preciso ficar visível
Em cada gesto de nossa ação.

Escrevi este cordel
Num momento muito singular
Tive como primeira intenção
Apenas um aluno homenagear.

Agora estendo a todos
Como forma de retribuição
De representá-los nesta mesa
Neste ato solene de colação.

E assim outrora escrevi...

Pobre ou Preto retinto
A nossa cara não nega
Penso como a sociedade
A beleza negra sonega.

Negros ou pobres no Brasil
Pode até haver diferença
Começamos com indígenas
Culminando na própria pertença.

Não tivemos por vezes malícia
Para lidar com a negra cor
Porém sempre foi visível
Na vida a piadas nos expor.

De muitos que se dizem
Serem amigos do peito
Carregam ainda consigo
As idéias do preconceito.

Inteligência acima ou na média
Muito pouco ou mal aproveitada
A nossa inteligência por vezes
Como demência é ainda tratada.

Não percebem ainda em nós
Algumas qualidades distintas
Só por que de Deus recebemos
Mais de uma demão de tinta.

Andamos distraídos na escola
Numa pequena viagem diária
Em busca de amizades sinceras
E de pessoas mais solidárias.

Poderíamos contudo ser agressivo
E ainda assim somos tranquilos
Tolerância, sabedoria e paciência
Pois da vida também somos filhos.

Sabendo que Deus nos fez assim
E por nada agente mudaria
É preciso pedir por quem mereça
Perdão por todas as heresias.

Agora completamos um ciclo
De uma história de muita luta
Pelo respeito da Pátria Mãe
Que por séculos se fizera tão bruta.

Espero que tenhamos a cada dia
Novas conquistas para comemorar
Que possamos fazer valer os direitos
Que muitos ainda tentam negar.

Esta formatura é diferente
Ainda que pareça ser igual
Nós somos o que nos livros
Apresentam como exclusão social.

Ao tomarmos consciência
De todas as nossas dificuldades
Espero que possamos contar
De fato com a solidariedade.

Agradeço imensamente
Pelo convite a mim feito
De representá-los nesta hora
Mesmo sabendo os meus defeitos.

Não quero neste momento
Apenas dizer dos problemas
Mais já não consigo mais
Ficar calado nestas cenas.

Neste momento tão singular
É muito pouco o que tenho a dizer
Torço para que oportunidades
Da sociedade todos possamos ter.

De uma sociedade que diferencia
E transforma tudo em natural
É preciso e já se faz muito urgente
Acabar com a desigualdade social.

Com vocês me identifico
E nada é apenas por acaso
Sei o que superam no dia-a-dia
E o que às vezes ainda engasgo.

É um momento para comemorar
E sei muito bem o quanto deveria
Mas não é possível deixa passar
Oportunidades que antes não se fazia.

Que Deus abençoe a todos
Com a paz do Espírito Santo
Que ele assuma urgente
Inclusive os seus Filhos de Santo.

Quando olho para vocês
Logo me vem um lembrete
No meu porta-retratos
A imagem de vocês reflete.

Para não dizer que não falei de flores
Torço do fundo do meu coração
Que ao sair daqui desta escola
Possa todos encontrar lá fora
Tratamento e direito de cidadão.

O cronista e o compromisso de registro

Com a exceção das reminiscências (Rosaura Soligo), das evocações (Ana Aragão) e do poema de Wilson Queiroz, os textos desta coletânea são crônicas, e o leitor, a estas alturas, leu algumas ou todas, e já experimentou seu gosto. São registros de vivência no chão da escola. Enquanto crônicas, estes textos têm a função de deixar gravados acontecimentos antes mesmo que eles baixem a poeira. A reflexão imediata do cronista – que seleciona entre inúmeros acontecimentos do cotidiano aquele (ou aqueles) que considera narrável – é também da ordem da própria seleção que o faz narrar o que narra: provém da comparação entre o rotineiro, entre o costumeiro, e o extraordinário, o inusitado, o inesperado, o surpreendente para o cronista. Muitas vezes, o insignificante se faz grande e extraordinário precisamente pela voz do cronista (como do poeta, mostra-nos Manoel de Barros).

É por isso que o cronista está dispensado da análise em profundidade. Mas o que registra lhe permite, e permite aos outros, o retorno aos acontecimentos para, em outros gêneros discursivos, se a situação se apresentar ou se o interesse aparecer, debruçar-se sobre um acontecimento ou sobre uma série deles para extrair ensinamentos da experiência vivida.

Enquanto “cronistas”, as professoras e os professores que escreveram este livro revelam, no entanto, muito mais do que registros de fatos da sala de aula, próprios da

vida na escola. Elas/eles desvelam um modo particular de estar na escola e de conviver com seus alunos. Diferente do implicitamente preconizado para as relações pedagógicas, em que se define um par de sujeitos ocupando posições distintas – o lugar daquele que ensina (porque sabe) e o lugar daquele(s) que aprende (porque não sabe) – ambos debruçados de forma diversa sobre seus objetos (de ensino e de aprendizagem), estes textos revelam a aprendizagem daquele que ocupa o lugar do ensino, surpreendido pelas vozes daqueles que lhe mostram os caminhos de quem aprende.

E aprende aquele que escuta estas vozes, sobretudo aprende o que também não sabe - o que enche a bexiga é sempre o gás carbônico? o ar da garrafa “anda”? o piolho-de-cobra faz xixi? cobrinha faz xixi?

Para escutar estas vozes é preciso apostar nas possibilidades de aprendizagem da criança, dos adolescentes, dos aprendizes. Se as crianças sabem que “não escrevem” – estão na escola para aprender – a professora lhes responde que “não existe escrever certo ou errado, que criança com 6 anos escreve de um jeito, com 7 de outro, que quando eles fossem grandes escreveriam de outro ainda, que cada idade tem um jeito de escrever”. Somente esta aposta permitirá o diálogo que nos apresenta a cronista Cristina Campos:

H. veio com a folha todinha escrita e me entregou, quando perguntei para ele o que estava escrito, me olhou com uma cara de espanto:

- Ué, mas você é professora e não sabe ler? – Abracei o esperto e respondi: E que não acredito que você faz isso! – apontando para o que estava escrito no papel.

Com uma risada alta e generosa respondeu:

- Ah você não acredita que eu encho a amoeba até ela fazer uma bolinha e estourar?

Da aposta nas possibilidades de aprendizagem da criança resulta uma escrita “do seu jeito”, em que a preocupação maior é com a confiança em si mesmo. Confiante, H. escreve. E confiante, desconfia da “não leitura” da professora, que soube imediatamente aproveitar-se da situação enunciando de forma ambígua uma descrença que poderia ser sobre o escrito ou sobre o que está escrito, e como para H. não há qualquer dúvida sobre a escrita, o relevante é o que está escrito e somente sobre isso poderia haver descrença da professora!

Este mesmo episódio desvela outro aspecto deste modo particular de estar na escola e estabelecer relações pedagógicas: há uma cumplicidade entre professora e alunos, cumplicidade construída em relações não assimétricas, com troca de segredos entre sujeitos que se irmanam no trabalho de aprender, mais do que no de ensinar.

Aposta, atenção ao particular, cumplicidade, relações mais simétricas: há tanta coisa nestas crônicas para serem tomadas como temas para aprofundar reflexões. Mas todo o aprofundamento da reflexão somente é possível quando um registro narrativo foi elaborado, e por isso este é o começo de qualquer pesquisa que se queira comprometida com a história efetiva do fazer pedagógico: a humildade da crônica pode nos ensinar que a grandeza das coisas ínfimas

vela o mundo e desvela, para quem “transvê”, a complexidade do aprender com o outro, esta relação que nos faz humanos. O que se aprende não é consequência do instinto, mas do convívio com a alteridade que se nos impõe e que nossa mera existência impõe aos outros. Por isso não se aprende seguindo regras, por isso o apreendido não é mecânico, mas dinâmico e criativo porque permite outros passos. Nem a sequência nem o modo de caminhar são os mesmos para todos.

Estas crônicas, mais do que lembrar um “mestre ignorante” (Rancière), lembram a sabedoria, compreendida por Walter Benjamin como o lado épico da verdade – verdades pedagógicas constituídas no cotidiano, na história pequena e curta do dia-a-dia de que se faz a vida. Havendo atenção a elas e nelas, o grande tempo se revela na forma das lições daí extraídas. Estas permitem cálculos de horizontes de possibilidades numa caminhada educativa que não se quer um estreito brete pelo qual todos devem seguir (este estreito brete se revela na instituição escolar pelos currículos mínimos, pelos manuais didáticos que predeterminam as ações e os dizeres, pelos métodos “certos e certos” que constroem autômatos capazes de dar sempre a mesma resposta desejada pelos testes de “eficiência”).

Quando professoras e professores se dispõem a escrever sobre o que lhes acontece na sala de aula – e nada lhes acontece fora da relação que nela estabelecem com seus alunos – começamos uma caminhada maior: aquela que transforma a aparente mesmice num maremoto a nos mostrar os múltiplos caminhos da aprendizagem e da construção do conhecimento. Rotinas ganham novos

sentidos porque iluminadas pelo extraordinário; a qualidade deixa de ser mera competência adquirida para se tornar um leque de possibilidades de vida coletiva, compartilhada num mundo que, ao se fazer pequeno, se fez também excludente e uniforme. E é da uniformidade que foge a vida.

João Wanderley Geraldi

Roskilde/Dinamarca, 31 de maio de 2014.